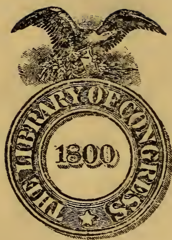

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

CAMÕES,

POEMA.



RIO DE JANEIRO,

IMPRENSA AMERICANA DE I. P. DA COSTA

Rua do Hospicio N. 118.

1838.

ADVERTENCIA.

A indole do assumpto deste poema é absolutamente nova; e assim não tive eu exemplar, a que me arrimasse, nem norte, que seguisse

Por máres nunca d'antes navegados.

Conheço que elle está fóra das regras; e que, se pelos principios classicos o quizerem julgar, não encontrarão ahi sènão irregularidades, e defeitos. Porêm declaro desde já que não olhei a regras, nem a principios, que não consultei Horacio, nem Aristoteles; mas fui insensivelmente de pôs o coração; e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte, e operações combinadas do espirito. Tambem o não fiz por imitar o stylo de Byron, que tam ridiculamente aqui *macaqueião* hoje os Francezes a torto, e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e commetter impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal ingenho, e talento, que com

um só lampeijo de sua luz offusca todos os descuidos, e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou classico, nem romantico: de mim digo que não tenho seita, nem partido em poesia (assim como em cousa nenhuma); e por isso me deixo ir por onde me levão minhas ideias boas ou más, e nem procuro converter as dos outros, nem inverter as minhas nas delles: isso é para litteratos de outra polpa, amigos de disputas, e questões, que eu aborreço.

A acção do poema é a composição, e publicação dos Lusiadas; os outros successos, que occorrem, são de facto episodicos, mas fiz por os ligar com a principal acção. Tam sabida é a fabula, ou enrêdo dos Lusiadas, e a vida de seu auctor, que nem tenho mais explicações que fazer a este respeito; nem será difficil ao leitor o distinguir, no meu opusculo, o historico do imaginado: mas não separará de certo muita cousa, porque das mesmas ficções, que introduzi, tem sua base verdadeira as mais dellas.

Sôbre orthographia, (que é fôrça cada um fazer a sua entre nós, por que a não temos) direi só que segui sempre a ethymologia *em razão composta* com a pronúncia; que accentos, só os puz onde, sem elles, a palavra se con-

fundiria com outra ; e que de boamente seguirei qũalquer méthodo mais accertado, apenas haja algum geral, e racionavel em portuguez : o que tam facil, e simples sería, se a nossa academia, e govêrno em tam importante cousa se empenhassem.

Hoje me veio ás mãos uma obra em francez de M. Denis, *Scènes de la nature sous les tropiques*, onde encontro um episodio sôbre Camões, em que ha parecenças com a minha obrinha. Como isto foi, melhor o dirá elle que eu, pois este poema se acha composto desde Junho passado, começou-se a imprimir em Janeiro corrente, e sai acabado da imprensa, hoje 22 de Fevereiro de 1825 ; a obra de M. Denis publicou-se em Dezembro p. p. — É notavel a coincidencia, e muito me lisongeia.

Ao seu Amigo M.

O. D. C.

O Auctor.

Prence

CAMÕES.

CANTO PRIMEIRO.



> Esta he a ditosa patria minha amada,
> Á qual se o céo me dá que eu sem perigo
> Torne com esta empresa já acabada,
> Acabe-se esta luz alli comigo.
> *LUS., cant. III, est.* 21.

SAUDADE! gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor, que os seios d'alma dilacera,
— Mas dor que tem prazeres; — Saudade!
Mysterioso numen, que aviventas
Corações, que estalárão, e gottejão,
Não jà sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lagrimas; — Saudade!
Mavioso nome, que tam meigo soas
Nos lusitanos labios, não sabido

*

Das orgulhosas bocas dos sycambros,
Destas alheias terras; — Oh Saudade!
Magico numen, que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo,
Do vago amante á amada inconsolavel,
E até do triste do infeliz proscripto,
— Dos entes o misérrimo na terra —
Ao regaço da patria em sonhos levas,
— Sonhos, que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar; — Celeste numen,
Se ja teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endeixas; se piedoso
Em teus altares humidos de pranto
Depuz o coração, que inda arquejava
Quando o arranquei do peito mal-soffrido
Á foz do Tejo, — Ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento, que esvoaça
Timido, e acovardado entre os olmedos,
Que as pobres aguas dêste Sena regão,
— Do outrora ovante Sena. Vem no carro,
Que pardas rôllas gemedoras tirão,
A alma buscar-me, que por ti suspira.
Vem; não receies a acintosa mofa
Desta voluvel, desprezivel gente,
Povo de variaveis sycophantas:
Não te conhecem elles. — Eia! vamos:
Deixa o caminho da infeliz Pyrene;
Taes mágoas, com'ahi vão, poupa a meus olhos;
Assás tenho das minhas. — Largo! aos mares:

Livres corramos sôbre as ondas livres
Do oceano indomado por tyranos,
Livre como sahiu das mãos do Eterno,
Sua feitura unica no globo,
Que impias mãos d'homens não podérão inda
Avassallar, destruir. Ahi d'entre as vagas
Surge a princeza altiva das armadas,
Patria da lei, senhora da justiça,
Couto da foragida liberdade.
Salve, Britania, salve, flôr dos mares,
Eu te saúdo, ó terra hospitaleira!
Se ora, pousando em tuas ricas praias,
Podesse ir abraçar fieis amigos,
Que pelas ribas dêsse nobre Thamesis
Vivem á sombra d'arvore sagrada
De abençoada independencia a vida!
Não posso; mas sobeja-me a lembrança
Indelevel, e a voz não morredoura
Da sincera, gratissima amizade.

Certo amigo na angústia, que aos tormentos
Myrradores, que a vida me entravavão,
Aligeiraste o pêso, e com amiga
Dextra cravaste á roda do infortunio
Cravo, que ao giro barbaro lhe impece
De alfim dar cabo aos procellosos dias
Do malfadado, perseguido vate; —
A ti minhas endeixas mal cantadas
Nas solidões do exilio, onde as repettem

Os ermos echos de estrangeiras grutas,
A ti meus versos consagrei na lyra:
Quebrada sôbre o escolho da desgraça
Inda languidos sons desfere a medo,
Que a teu fiel ouvido vão memorias
Lembrar da patria, e recordar do amigo.
Ouves? Rija celeuma aos ares sobe,
E fere os ventos, que nas ondas folgão.
"Terra, terra!" bradou gageiro álerta.
"Terra!" echoa confusa vozeria
Da maritima turba: Oh! voz querida,
Doce aurora de gôso, e de esperança
Ao coração do nauta enfraquecido,
Do alquebrado sequioso passageiro,
Que a esposa, os filhos, ou talvez a amante
Nessa voz doce, e grata lhe alvejárão.

Terra, e terra da patria! Debuxada
Se ve pullando a magica alegria
Nos semblantes de todos. Ja contentes,
Um se affigura surprehender o amigo,
Outro á esposa fiel cahir nos braços;
Este da velha mãe, que ha tanto o chora,
Ir enchugar as lagrimas afflictas;
Aquelle entre alvoroços, e receios,
Não ousa de pensar se ao pae enfermo
Na descarnada mão rugosa, e sêcca
Osculo filial lhe é dado ainda
Respeitoso imprimir, — ou se a ternura,

Se o amor de filho sôbre lage avara
Se irá quebrar de gelido sepulcro,
Que em sua ausencia – tam longa –lho roubasse.
Qual da amada, que sempre foi constante,
— Ou sempre, ao menos, lha pintou de longe
A namorada ideia — perto agora
Começa de temer que tal distancia,
Separação tamanha, e tam comprida,
Novo amante mais perto... — Mas quem sabe?
Talvez... — E esse *talvez* é de esperança
Querida sempre, sempre lisongeira.

Um só no meio de alegrias tantas
Quasi insensivel jaz: Calado, e quêdo,
Encostado á murada, os olhos fitos
Tem nesse ponto, que negreja ao longe
La pela proa, e cresce a pouco e pouco.
Era esse o extremo promontorio,
Que dos montes de Cynthia * se projecta
Sôbre o fremente oceano, que na base
Tremendo quebra as enroladas vagas.
No gesto inda gentil, mas annuviado
De sombras melancolicas, impresso
Tem o character da cordura ousada,
Que os filhos ennobrece da victoria:
Gesto, onde o som da bellicosa tuba
Jamais a côr mudou, nem feito indigno

* Os montes, ou serra da lua, i e. a de Cintra.

Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
Honrada cicatriz, que envergonhára
Adamados de côrte, dá realce
A's feições nobres do gentil guerreiro.
Dêsses olhos, que a luz ateou do ingenho,
Quem um dos lumes apagou ? — A guerra
No campo das batalhas. Um, que resta,
Vivaz centelha, e avido se alonga
A' recobrada patria. — "Patria" : disse
Em voz tam baixa, que a tomáras antes
Pelos echos do interno pensamento,
Que falla ao coração sem vir aos labios.
"Patria, alfim tórno a ver-te."—E ao mudo estado
Recahiu da tristeza taciturna,
De que a ideia da patria o despertára.
Gallerno, e fresco o vento sussurrava
Pelas inchadas velas. Ja na terra,
Que a ôlho se avizinha, as mal distinctas,
Diversas côres surdem ; — logo o escuro
Dos pardos sulcos discrimina a vista
Dos arrelvados campos : depois vem-se
As casas alvejando entre a verdura :
Eis claro o porto amigo. — Tal observas
Sob os pinceis de artifice divino,
Primeiro a incerta côr de vagas tintas,
Que aos toques mestres nesse cahos d'arte
Se desinvolvem claras, se aviventão ;
Copão-se bosques, erguem-se columnas,
De amenas flores se recamão prados,

Que pisão nymphas bellas. — Pasma absorta,
Admirando-se n'arte a natureza.

O sol descia rápido, e ja perto
De seu diurno termo começava
A distingir o verde-mar das aguas
Co'a açafroada côr, que o leito lhe orna
No occaso derradeiro. Leves girão
Do seguido baixel cruzando entôrno,
Como um bando de loucas mariposas
Em derredor da chamma, — as destemidas
De ferrea proa rapidas muletas.
Grosseiros parabens em brado rustico
Dos leves barcos soão : modulada
Aos roucos sons das vagas nos cachopos,
A voz do pescador brama como ellas.
" Piloto ! " gritão ; e a um signal de bórdo
Do alteroso galeão, d'um salto pulla,
— Qual delphim namorado nas campinas
Do azul-escuro mar — o palinuro
Nos segredos do Tejo iniciado.
Rege a manobra fallador apito :
" Ala ! – amaina ! " Eis passada a estreita bôca,
Por onde seus tributos d'agua, e d'ouro
Leva ao Oceano o rio d'Ulyssea.
Juncto da tôrre antiga, e veneranda,
— Hoje mal conservado monumento
Das glórias de Manoel, ánchora desce ;
E aos ingratos inhospitos baloiços

Do longo velejar, succede o brando
Meneio da suavissima corrente,
Que no remanso de seguro pôrto
Tam doce é de sentir ao nauta exhausto
Dos repelões irados de Neptuno.

A' monotona grita compassada
Da festiva companha se ala o esquife
Ao bórdo erguido, donde desce ás aguas.
Alegres, — como a noiva, que franqueia
O lumiar da paternal morada
No risonho cortejo, que em triumpho
A leva ás casas do anciado esposo, —
Ao pintado escaler velozes sáltão
Dos passageiros a ávida caterva.
Desce último o guerreiro pensativo.

"Rêma!" Da popa, onde modera o leme,
Brada o mestre: obedece á voz o remo;
E ao golpe certo resvalou d'um pullo
Pela corrente lisa o leve esquife.
Um sentido clamor, como suspiro
De amargurado tom, vem da amurada
Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos
Machinalmente ao sitio donde veio.
Quem virão nelle? Um pallido semblante,
Onde á malaia côr requinta o cobre
Viva expressão d'angústia. Os olhos negros
Nessas faces tostadas do sol d'Asia

Brilhão por entre as nevoas d'uma lagrima,
E parecem dizer na muda súpplica:
" Oh! não abandoneis o pobre escravo! "

Do homem, que é mau, do berço á sepultura,
Uma só cousa á natureza deixão
Os habitos ruins, que não prevertão;
Do coração é o primeiro impulso.
O gesto aflicto do Indio supplicante
Dos remeiros contrai as mãos callosas,
E involuntaria a compaixão se pinta
No parecer de todos. — Mas não tarda
A suffocar a debil voz do instincto
O que chamárão *reflexão* no mundo:
Melhor dirias *reacção* dos habitos,
Que um instante vergou a natureza.
"A'vante!" clama o torvo mestre: "A'vante!"
Como que envergonhado do momento,
Que involuntario ao coração cedêra.

" A'fé que não": gritou c'o accento austéro,
Que tam bem fica aos labios da virtude,
Quando ante a prepotencia ousão de abrir-se:
" A'fé, que não": bradou, e em pé se erguia
O nobre melancolico soldado,
Sem desfitar do humilde escravo a vista:
" Encontrae a toma-lo."
— " O quê, amigo?
Por vida minha, o que quereis ao Indio?

Neste meu escaler dessa fazenda
Não levo a terra."
— "Tal fazenda é ella,
Que dêsse estofo a não vereis a miude."
— "Grão valor é o do escravo!"
—"E' meu amigo."
— "Amigo! amigos taes trazeis ao reino!
Rico vindes da India."
— "Rico!... certo:
De feridas ao menos."
Suspendeu-se,
Corrido das palavras, que soltára
Diante de tal gente; a côr do rosto
Claro lhe indica o peijo, que envergonha
O homem honrado, que indiscretos labios
No calor da disputa descahîra
Em reprehensivel gabo de si proprio.

No gesto do guerreiro se fixárão
Os olhos circumstantes; e o respeito,
Que uma acção generosa inspira ao vulgo,
Por aquelles semblantes se pintava.
Mas o grosseiro mestre se não corre
De seu descortez feito: e os signaes tantos
Da desapprovação geral o irritão.
Rudas imprecações, que rudas soão
Como os calabres, que reger costuma,
De novo os remos a vogar excitão.
D'alta amurada do galeão suspira

O desprezado escravo. — Um movimento
De involuntaria colera, e despeito
Leva a mão do guerreiro mal soffrido
Da espada ao punho. — C'um surriso fero,
Que parece dizer : " Quem sôbre as ondas
" Vida de p'rigos vive, não enfia
" Aos lampejos da espada: " — só responde
O carrancudo mestre. — Nesses tempos,
Que heroicos chama o enthusiasta ardente,
Barbaros o philosopho ; e que ao certo
Erão pasmosa mescla de virtudes,
E atrocidades, — de honra, e de crueza,
Era o sangue juiz de taes pendencias,
E ao defeito da lei suppria a espada.
Barbara usança ! — porêm nobre ao menos.
Hoje, que hemos soffrido de covardes
Sem peijo á prepotencia de roubar-nos
Dos tribunaes as leis, das mãos a espada,
Degenerados netos ousaremos
Nossos livres avós taxar de barbaros ?

Víra o Tejo suas aguas crystalinas
Roxas alli de sangue ; e o breve espaço
Do curvo esquife não tivera as íras
Da mal-havença aos dous, se um podêr alto,
Tam forte, quanto é meigo, não viera
Intervir na disputa malferida.
N'um canto do escaler humilde, e absorto
Em pensamentos, que não são da terra,

Um velho, em que atelli não attentárão
Indifferentes olhos, se assentára.
Alvejavão-lhe as cans das longas barbas
Pelo negro burel, que o peito cobre.
O tempo, que tam longo tem passado
Pela accurvada frente, lhe ceifára
Messes, onde talvez a mocidade
Viçosa lourejou : hoje o que resta,
— Raro respigo ao segador cahido, —
Tira á côr baça do ligado argento.
Como que a humanas cousas retirados,
Se encovárão nas faces descahidas
Os olhos, onde a luz quasi assemelha
A' lampada, que ardeu no tabernaculo
Inteira a noute, e ao arraiar do dia
Fallece á mingua d'oleo. A mão tremente
Em viageiro bordão arrima ; e cálção
Nus os pés as sandalias costumadas
A sacudir o pó da terra do impio.
Rico de affrontamentos, e trabalhos
Vinha do longe oriente á occidua praia,
Não ao repoiso placido á velhice,
Mas a solicitar novos trabalhos
Em recompensa d'outros. Dêstes erão,
— Antes de se enredar em vans disputas
De orgulho, e presumpção mais que mundana—
Os que n'Asia opulenta, Africa adusta
Levavão de poz si nações inteiras
Ao culto de um só Deus, da lei mais sancta,

Que—tirae-lhe o que os homens lhe hão mesclado—
Jamais na terra appregoárão homens.

Foi este o anjo de paz, que em tal fermento
De azedas íras verteu mel suave
Da branda persuasão, que as neutraliza.

MISSIONARIO.

" Cavalleiro, essa mão na vossa espada
Inimigo da lei, diz, ou da patria,
Que tendes na aze * da batalha em frente.
Não o vejo eu, mas cidadãos, e amigos,
Christãos, mercê de Deus, somos nós todos
Quantos somos aqui. E ao ceo não praza
Que um cavalleiro portuguez arranque
Contra um seu natural armas de sangue,
Que — perdoae lhanezas d'um soldado,
Que cercos tambem viu, e jogou lanças
Com mouros, e gentios. Neste velho
Corpo nem sempre andou burel de monge;
Malha tambem vestio: assim desculpa
Minhas livres razões: — mas uma espada
Ou na batalha em mãos de cavalleiros,
Ou fóra della a rufiões só cabe."

* Ala.

CAVALLEIRO.

Tam covarde não sou, que a tal contrario....
Mas o meu Jáo fiel, o meu amigo,
Unico amigo! "

MISSIONARIO.

"Honrão-vos taes fallas,
Que andrajos, e pobreza vos não peijão
De chamardes amigo ao desgraçado.
Mas, filho; — mas, senhor, não ha bom feito,
Que justifique um mau." —
Ao duro nauta
Voltando-se lhe diz:
— "Amigo, é justo
O que pede este nobre cavalleiro.
Duros de coração Deus não ajuda.
Que pésa o pobre escravo? Ir-me-hei a bórdo,
E o meu logar lhe cederei com gôsto.
Que tem? Filho de Deus como nós somos.
Mal enroupado? Corações bem nobres
Encobre a miude o saio remendado.
Se o cavalleiro te offendeu, bem vejo
Que não é elle de negar o justo
A quem devido for."
— "Não sou por certo."
O guerreiro accudiu; e mal pesada
Tirou pequena bolsa.

— " Ahi tendes, mestre ;
Poucos pardaus contem — (Menos me ficão,
Talvez nenhuns" — em tom mais abaixo e trémulo,
Quasi de não se ouvir ; nem certo o ouvirão.)
Porêm daqui á praia não vai muito,
E a passagem do Jáo.... "

O MESTRE DO GALEAÕ.

" Guarda a tua bolsa,
Cavalleiro orgulhoso ; tanto quero
Os teus pardaus, como a tua espada temo.
Mas este padre falla como um anjo ;
E o que elle disse é ditto. Atraca a bórdo ;
E abaixo o amigo Jáo. — Rema ! "
D'um salto
O Indio na lancha; e a lancha em mores pullos
De oito nervosos braços compellida
Sobe do Tejo a limpida corrente.

Apoz o disputar veio o silencio,
Que em finda altercação, mal repoisado
O ânimo pede, — e aos na contenda estranhos
Por sympathia natural se estende.
Era então noute : rapidos se esvaem
Em nossos doces climas os momentos,
Que entre as trevas, e a luz vacillão curtos
A natureza prodiga em beldades
Por tam risonhas terras lhe ha negado

A magica illusão, que os veos estende
Nessa hora de saudosos pensamentos
Sôbre os campos boreaes: — hora tam triste,
Mas de tal suavidade melancolica!
— Não te hão formado o coração no peito
As maternaes entranhas, se não ouves,
Nessa hora misteriosa do crepusculo,
Uma voz, que te diz: *Estes momentos*
Consagra a natureza a doces mágoas.
O amigo ausente, a solitaria amante,
O pae longe, o filhinho em terra estranha,
Imagens são, que do vapor das terras
Amigas fadas no crepusc'lo formão,
E ante os olhos volteião d'alma absorta
N'hora sagrada ao genio da saudade.
Oh! serei eu nos sonhos do sepulcro,
Entre o nada das cinzas, — quando a noute,
Qualquer que seja o angulo do mundo,
Onde meus pés se poisem, me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos,
Que nesse intercalar de dia, e noute
Da nebulosa Albion gosei nos campos,
Quando nô berço teu, bardo * sublime,
Inimitavel, unico, espraiava
Por infindas planicies d'alvo gêlo
Os desleixados olhos, e topava
Ao cabo la da vastidão, co'as cimas

* Shackespear. — Veja as notas no fim.

Das elevadas grympas, que se agução
Sôbre as arcadas simplices do templo,
Entre as choupanas da vizinha aldeia;
E se me affigurava á mente alheada
Ouvir o canto funebre das harpas,
Que da sensivel Julieta ao tumulo
As nenias accompanhão. — Mas quam longe
Me tornou a volver do Tejo ao Thamesis
Cortado de lembranças, que o confundem,
O pensamento vago! — Escura a noute
Suas roupas de dó tinha estendido
Pelas tôrres da inclita Ulyssea;
Mas no seu puro ceo nem leve sombra.
Ausente era Diana, e seu modesto,
Sereno brilho: mas sem luz, que as vexe,
Com nitido fulgor doce esparzião
Seu alvo lume as candidas estrellas,
E em tremulos reflexos pelas aguas
Do crystalino rio se espelhavão,
D'onde consoladora se exhalava,
Como um sussurro de viçosas folhas,
Alma brisa da noute, que refresca
Os corpos então aridos das chammas,
Com que o touro celeste em furia ardia.
Raras começão a brilhar nas trevas
Pelas estreitas gothicas janellas
As veladoras luzes: accalmava-se
O vivaz borborinho da cidade,
E no socêgo placido da noute

Pouco a pouco, insensivel se perdia.
E'sta se abria magestosa scena
Ante os olhos dos nautas, que surcavão
Aureos caudaes do Tejo. Silenciosos
Se derramavão de olhos satisfeitos
Por quadro tam magnifico, e buscava
Cada qual pelas trevas mal cortadas
De froixo lume aqui, alli acceso,
Descobrir o paterno, amigo tecto.
E o leve fumo, que do lar se eleva,
Onde a ceia frugal, que o não espera,
Aprompta a cara esposa, mal cuidadosa
Que hade aquinhoá-la o pae c'os tenros filhos.

Tam vivas se pintavão nos semblantes
E'stas ideias aos calados nautas,
Que lhas leu nelles quem taes pensamentos
Triste não participa. — Quem é elle?
O filho melancolico da guerra:
Leu-lhas; e um sentimento quasi inveja,
Não tam baixo, mas não menos amargo, —
Lhe trouxe do mais íntimo do peito
Um suspiro, que morre á flor dos labios;
E suffocado ao coração reflecte.
Aguda foi a dor, acerbo o espinho,
Que esse ai lhe pungiu d'alma. — Quem soubera
Os mysterios dêsse ai! Quem revelára
Os segredos do incognito guerreiro!
Consome-o acaso a heiva da doença?

De mal vingada affronta a injúria o rala?
Injustiças dos homens o perseguem?
Ou são penas d'amor? — Silencio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo.
Espreitar indiff'rente os pensamentos,
Que os labios do infeliz feixão no peito,
Curiosidade van, mal generosa
E' de ânimo insensivel: não exijas,
Se o pódes consolar, preço tam duro
Por teus confortos. Pouco vale a dextra,
Que não enchuga as lagrimas do afflicto,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do pranto a causa.

O escaler abicou na praia amiga;
E a suspirada terra emfim pisárão
Os desaffeitos pés. Quantas penurias,
Quantos perigos, desalentos, sustos
Em viageiras fadigas se hão penado,
Este momento só, ésta alegria,
Oh! quam sobejo as paga. O sentimento
Quasi devoto, com que beja o nauta
As areias da patria, é porventura
Na peregrinação da nossa vida,
— Se exceptuas a morte, — o mais solemne.

Separárão-se; e foi caminho usado
Cada um de seu lar. Ledos se forão;
Todos? — Não: tres diviso sôbre a areia,

A quem parecem vacillar na mente
As ideias penosas, que accomettem
O viajante isolado em terra alheia.
São estrangeiros? — Dous. Que patria longe
Do paiz lusitano, os trouxe ao dia?
— Entre as palmeiras do cheiroso oriente
Um na infancia folgou: deu-lhe impia guerra
Em trôco pela patria, e liberdade
Ferros de escravidão: — mas ha nos ferros
Vínculo ás vezes, que té prende o ânimo;
Raro o caso verás: porêm não chora
O Jáo pelos palmares do seu ninho;
Prende-o a amizade, não grilhões de escravo
A seu senhor, amigo, e companheiro.
— E ess'outro? — Deu-lhe o ser matrona do Ebro;
E os pendões de Isabel hasteou nos muros
Da vencida granada: mas a frente
Que apenas raras cans lhe encobrem hoje,
Nem só das murtas se coroou da Alhambra;
Capellas de magnolia em mundos novos
Lhe derão sangue, e crimes.... Crimes forão,
Que o socio de Cortez cobrio do sacco,
E humilhou nas cinzas a cabeça
Dos louros da victoria descingida.
Pardo burel lhe cobre a penitencia
Nos membros, que luzírão d'aço e d'ouro.
Voto solemne, e zêlo d'outra glória
O levou d'alem cabo das tormentas
Da aurora aos roxos seios. — E estes erão

Os que juncto ao guerreiro silencioso
Mudos como elle, e quedos o fitavão.
Longo o calar não foi : com passo trémulo
Do joven se approxima o ancião guerreiro :
— " Nesta grande cidade ambos estranhos
Somos, ao que parece. "
— " Estranho eu ?... Quasi.
Sou, e não sou estranho. "
— " Não me é d'uso
O metter mão curiosa nos segredos
De quem os tem. "
— " Segredos eu não tenho :
Sou portuguez, e de ser tal me..... prézo. "
— " Mas de Lisboa não ? "
— " E' minha patria.
Desejais saber mais ? "
— " Minhas perguntas,
Cavalleiro, não são de curioso ;
Outra vez o repitto : um pobre monge
Tem uma pobre cella, e magra ceia,
Mas ambas offerece d'alma, e gôsto.
E' tarde ; e se outro hospicio á mão não tendes,
Sereis bem vindo a um gasalhado humilde
De quem melhor a tê-lo, o offerecêra.
Má noute passareis : mas um soldado
Não teme estrados maus, nem leitos duros.
Soldado fui tambem : ser-me-ha ventura
Em meus quarteis d'hinverno receber-vos. "
— " Tal cortezia é d'animo sincero ;

Nem sou homem, senhor, que a desvalie.
Mas um desconhecido, e porventura
Della não mer'cedor deve acceita-la ? "
— " E por que não, se lhe é mister, e a préza ? "
— " Conheço.... "
— " A noute passa. Horas são éstas
Improprias de ir buscar outra pousada.
Se vos não peija de acceitar a minha,
Vinde. E peijo de quê ? Pobre, e mesquinha
E', ja vos disse ; mas senhores grandes
Em mais pobres mosteiros alvergárão. "
— " Ancião venerando, sou com vosco :
Honra-me, não me peija a offerta amiga.
Uma só cousa.... Nada. Eu ja vos sigo. "

A'parte chama o escravo, e da pequena
Bolsa tirou porção pouco avultada
De seu modico haver. — " Busca poisada
Para ésta noute ; e ámanhan bem cedo.... "

MISSIONARIO.

" O que fazeis, senhor ! sou eu mais barbaro
Que o mestre do galeão ? Pude com elle
Que d'um servo fiel não separasse
O senhor generoso ; e havia agora
De fazer eu peior ! Envergonhais-me....
Offendeis-me talvez. Amigo, vinde,

Segui vosso bom amo: para todos
Em nossa humilde casa ha tecto, e abrigo."

Ao Jáo fiel cahiu de puro gôsto
Uma furtiva lagrima, que havia
Rebentado de timido receio,
Mágoa de se ver só, deixar seu amo,
E ir procurando por tammanhas ruas
Aquem?... — Ninguem conhece o pobre escravo.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

CANTO SEGUNDO.

> Assim como a bonina, que cortada
> Antes do tempo foi candida, e bella,
> Sendo das mãos lascivas maltratada
> Da menina, que a trouxe na capella,
> O cheiro traz perdido, a cor murchada
> Tal está morta a pallida donzella,
> Sêccas do rosto as rosas, e perdida
> A branca, e viva cor co'a doce vida
>
> *LUS., cant. III, est.* 134.

QUE sons descompassados troa o bronze
Nas tôrres do mosteiro? Que ais carpidos,
Que agudos huivos desgrenhadas gritão
Essas mulheres pallidas? — Que funebres
Alas são essas de homens todos lucto
De escuro vaso *, e longo dó vestidos?
Que hymnos de morte roucos murmurando
Vão esses cabisbaichos sacerdotes?
Que pompa é essa? Um atahude a fexa.
Orgulho do homem, dás o arranco extremo
Na vaidade da campa. Que grandezas,
Que distincções queres pleitear ainda
Na igualdade terrivel do sepulcro?

* Veja nota no fim sôbre *caso, e dó.*

Desingano da morte, és tu acaso
Outro sonho dos miseros viventes?
Quem desinganas tu? — Vírão de longe,
Caminho do mosteiro, os viajantes
Enfiar a porta maxima do templo
Ordem longa de tochas, baço lume,
Clarão triste de mortos. Sons perdidos
Do psalmear monotono lhes trouxe
A gemedora viração da noute;
E o ar pelos ouvidos lhe estremece
Com o dobrar das campas desentoadas.

Ruin agouro! Um sahimento funebre
Ao regressar á patria! Não se pôde
Conter do involuntario pensamento
O portuguez viajante. Mal conhece
A intrepidez dos bravos esse louco
Terror do vulgo, que estremece á vista
D'um gelido cadaver: costumados
A ver a face pallida da morte,
As agonias roxas, e o tranzido
Suor do passamento, — não se movem
Seus musculos tam facil. Mas ressumbra
Não seiquê tam solemne, e grave, e augusto
D'um funeral andando a passo lento
A's portas do jazigo; que essa pompa
Triumphal da morte do mais duro peito
Ao gesto mais tranquillo traz de fôrça
Contracção impossivel de incubrir-se

Não lhe chamo terror; nome lhe assignem
Qual queirão mais: porêm o sentimento,
A impressão natural é sempre a mesma.

Desta cummum fraqueza — se tal era —
Não foi isento o Luso; — e porventura
Um preságio de incognita desgraça,
Um secreto cruel presentimento
De não sabido mal se uniu áquelle.
O Jáo supersticioso, como é d'Indios,
Fez claro um gesto de terror, a face
Volveu á esquerda e co'a mão fria trava
Da curta capa ao amo:
— " A' esquerda, á esquerda,
Meu senhor, não encares um finado
Em sua última viage: ha mal em ve-lo
Face por face."
— " Deixa-me, ignorante,
Com teus medos ridiculos."
— " Embora,
Embora: mas na India...."
— " Não prosigas."

MISSIONARIO.

" Que ha tam medonho, e mau nesses despojos
Da passageira vida? Um tronco sêcco
Pelos ventos do outomno despojado
Do viço, e folhas; — tenda abandonada

Pelo viandante, que voltou á patria.
Oh! seja-lhe piedoso o juiz eterno."

Chegavão aos cancellos do mosteiro;
E o missionario disse: —" Cavalleiro,
Da casa do senhor aberta a porta,
Não passarei sem ir ante os altares
Meu tributo de graças off'recer-lhe.
Cuido me seguireis: o humilde cantico
De nossa gratidão irá junctar-se
Com as preces dos mortos. Mas que importa?
Ouvirá Deus a todos. Se lh'o impedem
Superstições, e medo; embora fique,
E nos aguarde o escravo." — Não responde
O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

Fosse terror, ou sentimento fosse
De mais occulta origem, pelas naves
Do templo entrou com passos mal seguros.
Elle, que tantas vezes ha rompido
As cerradas filleiras, — que á guardada
Brecha se appresentou com rosto frio,
E a entrou sem vacillar! — Oh! que ente és, homem,
Incomprehensivel tu! — Do templo em meio
Alto, e funereo estrado se levanta
Negro da côr dos tumulos. Em cima
Poisava um atahude. Alva capella
De quasi murchas, desbotadas rosas
Indicava, que a victima da morte

D'hymeneu illibada succumbíra.
Pesados luctos, e arrastrados fumos
Cubrião, perto, amigos, e parentes
Funebre silenciosos. Arde entôrno
Renque de brandões pallídos; e affumão
Do embalado thuribulo os vapores
Da resina sabea. Echoa o templo
Co'as tremedoras notas dêsses hymnos,
Que na solemne entrada do sepulcro
Terrivel canta a igreja, — quasi um echo
Da profundez do abysmo, que reflecte
Pavoroso na terra. — Aponto entravão
Os viajantes no templo quando o choro:

,, Tedio da vida concebeu minha alma;
E é fôrça que desate a propria lingua
Contra mim mesmo, — e desabafe o peito,
A amargura fallando de minha alma."

" Direi a Deus : Não me condemnes, ouve-me.
Por que assim me julgaste? Acaso é digno
De ti calumniares-me, avexar-me,
A mim, que sou de tuas mãos feitura?"

" São teus olhos de carne como os d'homem?
Como elle ves, e julgas? — Porque ao dia
Do carcere materno me has trazido?
Ochala que eu não visto perecêra
De ôlho nenhum vivente, e houvera sido

Como se nunca fosse, — trasladado
Do ventre á sepultura. "
" O escasso número
Dos dias meus não será findo em breve ?
Deixa-me pois chorar a minha mágoa,
Gemer co'a minha dor antes que desça,
Para mais não voltar, á tenebrosa
Terra, que á escuridão cobre da morte.
Terra de mingoa, e trevas habitada
" Pelas sombras da morte, — onde mais ordem,
Que o sempiterno horror ha hi nenhuma. " *

As vibrações da musica, as palavras
Não menos forte, o logar, a hora,
A grinalda de rosas sôbre o tumulo,
Porventura ignoradas circunstancias,
Que ás sombras dêste quadro dão relêvo
Com mais viveza n'alma, tudo a um tempo
No predisposto cerebro, de embate,
Violento abalo deu ao Lusitano.
Os cabellos na frente se eriçárão,
Como selva de lanças se ergue subito
Ao grito alarma em dia de batalha.
O coração parou-lhe ; e o corpo turgido
Pesou sôbre os joelhos, que vergárão
De golpe a terra. Do que sente ignaro,
E de sua fraqueza envergonhado

* *Job., cap. X.*

Baixa o rosto, e se encosta á balustrada
Do choro, que por caso tem diante.
— Ou não sentiu, ou de sentir não mostra
A turbação, que o espirito aliena
Ao companheiro, o missionario :

Juncto delle ajoelhou, e em voz submissa
Ao Deus dos vivos, e dos mortos ora
Findava o canto lugubre das preces :
Quatro enlutados cavalleiros sobem
Os degraus do moimento ; da eça tomão,
Levão nos braços o atahude, e descem.
Todo o cortejo, murmurando os psalmos
Das rogações extremas, dirigiu-se
Em passo lento a lateral capella,
Que ornão vazadas columnadas gothicas
De marmore tam negro como as vestes
Dos enlutados vultos, que as rodeião.
Da procissão ao cabo, os anojados
Levão de uma das mãos o triste pêso,
Co'a outra sôbre os olhos segurando
O usado emblema do dorido chôro. *
Juncto ao guerreiro ajoelhado passa
O insensivel objecto dessa pompa.
Fosse caso, ou tenção ; nesse momento
Alevantando a face descahida,
Co'a vista no vizinho cavalleiro

* Choradeiras : uso que inda pervalece na côrte.

Deu... estremece... ao atahude os volve :
Já longe o levão ; — mas viu inda escudo
De conhecido emblema no arremate
Ceos ! que viu !... — A coroa d'alvas rosas,
Nesse instante um baloiço descontrado
Dos cavalleiros a desprende, — rólla
Por terra, e juncto delle pára.....
A'vante
Passão : ninguem nessa grinalda attenta,
Que desprendeo do feretro o acaso.
Acaso foi ? — Mysterios ha na campa,
Que em tradições de seculos fundados
Me travão da razão : Cre-los não ouso,
Mas desprezal-os... Tambem não : — pensava,
Não eu, mas o guerreiro atribulado.

O cortejo passou ; — e a c'roa funebre
Ergueu convulsa mão, trémula a aperta,
E olhos, que desvairados a contemplão,
Parecem perguntar-lhe : — " Flôr de morte,
Em que pallida frente has tu pousado ? "
Quem lhe responderá ? Embreve a lousa
Se fexará, — como os ferrados cofres
Do avaro, onde nem lagrimas de afflictos,
Nem suspiros de tristes lhes aventão
Luz de esperança minima. — Segui-lo,
Antes que o cerre a campa, esse atahude,
Onde talvez... Oh barbara incerteza
Terrivel, cruelissima ! Oh ! terrivel

A verdade será... — Mas antes ella.
Corre ao sitio, onde viu encaminhar-se
O funeral: o som das vozes segue,
Entra a capella escura; — Escuro é tudo;
Nem uma luz, nem um vivente. O baço,
Triste clarão da lampada, que ardia
Longe no mór altar, só la reflecte
Tanto de claridade, quanto as trevas
Dêsse recinto funebre amostrasse.
Foi sonho quanto viu! visão phantastica
Toda a funerea pompa, o canto, o feretro,
E essa fatal grinalda!... Ei-la, na dextra
Segura ainda a tem. — Escuta: uns echos
Sotteraneos, — como hymnos de finados
Por noute aziaga em cemiterios, se ouvem.
Inclina attento a orelha: um passo ávante;
Tropeça... Em quê? — N'uma revolta lousa:
Aberta está a porta do sepulcro.
Um tenue bruxulear de luz descobre
Na profundez do abysmo; os degraus ultimos
De humida escada ve: descerá? — Desce:
Na estancia entrou das gerações extinctas.

Terra esquecida ahi jaz, ahi morão cinzas,
Por que em vão fallão epitaphios, lettras.
Sôbre a face da terra que deixaste?
Que feitos de virtude, ou de heroismo
Tua passagem nella assignalárão?
Nemhum? Inteiro ao tumulo desceste,

Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,
Amontoa pyramides; — embalde!
Guarda um marmore só do esquecimento:
Lembrança é grata de prestante feito,
Que uns d'outros herdão renascentes evos.

Vai por entre essas tacitas phalanges
De enfileirados ossos caminhando
O atonito guerreiro; — ao cabo extremo
Dêsse arraial de mortos, dá c'os olhos
No cortejo de dó, que hóspede novo
Traz á morada eterna. Aponto o feretro
Ia baixar ao perenal encêrro,
Donde o não moverá, senão a tuba
Terrivel, quando o sol se erguer do oriente
A dar a extrema luz ao dia extremo.
Dobra o passo; inda é tempo. Argentea chave
Tinha na mão de negro fumo ornada
Um Cavalleiro: — o mais distincto esse era,
Ou o mais anojado; — uso sabido,
E veneranda práctica dos nossos.
Pela vez derradeira olhos de vivos
Verão a face livida do morto,
Que ao final poiso desce. Despedida
Solemne! E que expressão ha hi na terra
Em lingua d'homens, que traslade ao vivo
Todo esse accumular de sentimentos,
Que em si de tal instante o adeus encerra!
Ja vacillante mão abre o atahude...

Amortalhavão candidos vestidos
O corpo ainda airoso d'uma dama
Não morta no botão d'annos viçosos,
Mas na desabrochada flor da vida,
Tam delicada não, porêm mais bella.
Velada a face tinha ; mas conhece-a,
Quem ? o guerreiro... quem ? o seu amante.

Ceos ! elle mesmo, elle ! — Precipita-se
Sôbre o cadaver... ergue o veo... " Natercia ! "
Natercia d'echo em echo repettírão
Os echos dos moimentos, accordados
Do somno sepulchral. Estremecêrão
Os do cortejo, e atonitos contemplão
O incognito. — " E' elle " uma voz disse,
" E' elle " — e entôrno remurmurão todos.

O sangue ao coração atropelado
Recuou, estagna-se, e parou da vida
As funcções todas ao guerreiro : em terra
De mortos semimorto cai. Entanto
Deu a volta fatal, e derradeira
A chave do atahude ; cai a lagem
Sôbre a bôca do tumulo. — A existencia
Se esvaeceu, — começa o eternidade.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

-+-

CANTO TERCEIRO.



Por meio dêstes horridos perigos,
Dêstes trabalhos graves, e temores
Alcanção os que são da fama amigos
As honras immortaes, os graus maiores.
LUS., cant. VI, est. 95.

"Ah! meu senhor.... bem o disse eu: mal trazem
Vistas de mortos."
—"Socegae, amigo;
Deixae-o repoisar: somno propicio
Ja lhe accalmou o sangue; e mais tranquillo
D'ânimo accordará."— Submissas vozes
Murmuravão assim em baixo accento
Juncto do leito, onde prostrado, e placido
Por benigno Morpheu jaz o guerreiro.
De roxas violetas se toucava
No horisonte primeiro o alvor do dia,
E a claridade tenue da arraiada
De estreita fresta os vidros penetrando,
A'morredoura luz de exhausta lampada
Vinha junctar sua luz na humilde cella,
Onde este curto dialogo passava.

Pranchas de escuro til rudo lavradas
Do apposento as paredes guarneciāo.

Sôbre uma banca de igual custo, e obra
Poisava antiga cruz, d'onde pendia
Agonizante o Christo : lavor fino,
Que no índico dente a mão devota
D'um neophyto d'Asia executára,
E fôra dom do grato cathecumento
Ao que nas aguas mysticas do Ganges
Por novo rito, e lei lhe consagrára
Antigas abluções. Unico um livro
De pesado volume ao pé do lenho ;
O livro dos christãos : dous ferreos broxes
As grossas pastas fexão. Pende a um lado
Da parede enfumado antigo quadro,
Que os rudes traços do pincel recorda
De Perugino, ou Vasco á infancia da arte :
Em cujo parecer traslado brando
Derão tinctas fieis dessa virtude,
Que o philosopho disse humanidade,
Charidade o christão. — Dispute em nomes
Quem de palavras cura : alma, que é d'homem,
Sem vaidades de lingua, obra, e não falla.
— Alvo-negro saial o ancião vestia.
Juncto delle, de pennas variegadas
Cingido a frente, e rins, imberbe um homem
De bronzea tez jazia malferido.
Convulsa a dor em contracções se exprime
No requeimado gesto ; mas nos olhos,
Se é lagrima essa nuve' imperceptivel,
Que rara os cobre, — não de afflicto pranto,

A desligar ideias mal distinctas.
Mas de sensivel gratidão deslisa.
Lettra o painel não tem ; mas claro amostra
Novo Tobias * no hemyspherio novo.
Do habitador da cella amigo, e mestre
Las-Casas fôra, quando guerra injusta
Seu braço d'impio ferro outrora armado
Levou cruel aos povos mal defesos,
Que ajoelhavão pavidos, devotos
Ante homens numes dos trovões senhores. †
De tal amigo o commoveu o exemplo :
Pensada reflexão, não voto incauto
Extorquido á fraqueza, ou cega infancia,
Lhe trocou no burel o azero, e malha.

Mas ja no leito o adormecido accorda.
Seus mal abertos olhos se descerrão.
Ao primeiro luzir do sol, que é nado
Neste momento, agora: froixamente,
Mas não turbados, derredor os volve
Pelo apposento. Como quem se affirma,
Um, e outro dos dous, que o accompanhão.
Quasi admirado fixa ; e procurando
Reconhecer feições, que ha visto algures,
Com vagarosa mão correndo a frente
Uma vez, e outra vez, dá parecenças
De querer ajudar o involto cerebro

* Las Casas.

† Verso de Filinto Elysio.

Assim ao que tomou gelado espasmo
Toda a apparente vida, os membros rijos,
Sem côr os labios, prêso o sangue.... é morto ;
Ergue-se o carpir d'orphãos, da viuva :
Ja no sudario involto, ja nas andas
Os doridos amigos o conduzem
A' morada dos findos.... — Repentino,
Do coração começa o calor vivo
A devolver-se, manso e manso, ás veias ;
Longes de esvaecida côr lhe tingem
Os beiços ; pestaneja froxa a palpebra :
Abre os olhos, — que atonitos duvidão
Se inda é mundo o que vem. — Tal contemplava
Com pasmado semblante os que o rodeião
Do castelhano cenobita o hóspede.

Risonho, e com socêgo appropriado
A socêgo inspirar, lhe disse o monge :
"Bons dias, cavalleiro ; em pobre cama
Ricos somnos se dormem — diz o adagio,
E o bem provastes hoje. O sol ja nado
Convida a erguer-vos ; e este sino, que oiço,
A's preces matinaes me chama ao choro.
De refeição tereis mister : sadia,
Senão mui exquisita, vou buscar-vos.
No intanto levantae-vos : pouco tempo
Do vosso Jáo fiel na companhia
Vos deixarei : não tardo."
—" E aonde... estamos ?

Não me lembra..:. Este sitio...."
"— D'um amigo,
Se me honrais com tal nome, estais em casa.
A nossa cella é esta : Socegae-vos.
Atribulado ha sido vosso espirito ;
Inseparavel condicção da vida
Padecimentos são ; todos penamos :
Mas a constancia é a virtude do homem,
E a paciencia a do christão. Mas largo
Conversaremos logo : a dor do peito
Quer-se desabafada em peito amigo.
Por ora conservae tranquillo o ânimo :
Breve aqui sou."
E cobre o manto, e parte
O silencio o seguiu ; e o tardo piso
Apenas se escutava das sandalias
No longo dormitorio resoando.

"Devo "— dizia o incognito guerreiro,
Quando, á volta do choro, com seu hóspede,
Leve repasto da manhan tomavão —
"Devo a tam bondadoso, e terno amigo
A's sollícitas penas, e cuidados,
Que vos hei dado, confissão sincera,
Franca razão do mysterioso evento,
Que hontem presenciastes ; — e do escandalo,
Se a meu pesar o dei, perdão vos peço."
— "Demasiado avaliais fracos serviços:
O segredo é a rica joia d'alma,

Que não se mostra assim a olhos de todos.
O coração é cofre precioso,
D'onde, raro, confia homem prudente
A chave a seu mais íntimo. Guardae-vos
De baratear assim o ouro cendrado
Da amizade fiel (confiança entendo)
A qualquer, que surrindo vos estende
Talvez curiosa mão, que não de amigo.
Embarda os achareis; mas — perdoae-me,
Sou velho, e prompta sempre a dar conselhos
E' minha idade — se prestar-vos póde
O nada, de que valho; se ajudar-vos
De obra, ou conselho imaginais que posso;
De gôsto, e de vontade eis-me a escutar-vos.
Sou vosso amigo, sou: próvas nenhumas
De mim tendes; mas Deus, que une as vontades,
E a quem prouve no peito gravar do homem
Esse invisivel *quê*, essa lei mystica,
Que attrai o coração d'um ente ao outro,
Deus sabe se, de quando em Mossambique
Vos conversei primeiro, senti n'alma
Não sei que voz dizer-me: — Segue esse homem,
Deves ama-lo; é infeliz, e honrado."

Do Lusitano ao gesto descorado
Esvaecido rubor assoma, — e foge;
Qual foge aos olhos o lampeijo rapido
Da trovoada longinqua. — Um tanto a face
Descahiu sôbre o peito amargurado;

E com voz, firme não, porêm serena
Disse : — " Luiz de Camões tinha um amigo
Unico só na terra. — Não te escondas,
Meu fiel companheiro ; um feito honrado,
Generoso te peija ? — O pobre Antonio
Foi atequi, senhor, o unico vivo,
Unico ser na face do universo,
Em quem meu coração achou abrigo."

Pelas faces do escravo, baga a baga
Enternecidas lagrimas cahião,
E o peito suffocado comprimia
A custo grande o soluçar, que o arfava.
Não póde mais : aos pés se deita do amo,
E sem conter o chôro :
— " Oh não me digas,
Não me digas, senhor, que sou amigo. "
—" Não o diga ! Porquê ? "
—" Porque isso parte
O coração do escravo. *Amigo* é falso.
Os de Macáo, de Goa, e Mossambique,
Todos faltárão ; e eu fui sempre..."
Corta-lhe
Um mar de pranto a voz.
—" Tu foste sempre
O meu fiel Antonio. "
Humedecêrão-se
Os olhos do guerreiro ; e como a effeitos
De sympathico influxo, ao velho austero

Pelas rugas das faces deslizárão
Gottas de suave, enternecido pranto.

Serena a reflexão commoções d'alma.
O Lusitano continúa : — " Certo
Que has dito bem : tam profanado, e abjecto
De amigo o santo nome hão pôsto os homens,
Que mal sei eu se injuria, ou honra é elle. "
Parou aqui, como assombrado n'alma
Da amarga observação. Depois volvendo-se
Menos afflicto ao missionario, disse :

— " Embora ! pois que emfim tenho encontrado
Consolação tam doce a minhas mágoas.
O meu nome — inda mal ! bem conhecido
No novo imperio luso do oriente —
E' Luiz de Camões. Em tenros annos
Ancia ardente de glória, e de renome,
Porventura outra causa mais violenta,
Mais nobre... e mais funesta — me levárão
A's africanas praias, dura eschola
Da portugueza mocidade. Alegre,
Que me surria então verde esperança
No inganoso porvir, — entrei os muros
Da veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio, e d'um martyrio illustre.
Paternas mãos as armas me cingírão.
Oh ! pae tinha eu ainda... Honrado velho,
A teu lado, meu braço mal seguro
Se avigorou, de teu exemplo, aos botes.

"Ah! se um filho, que ha visto na batalha
O paterno valor, que ouve entre a grita
Aquella voz, que o acariciou na infancia.
Bradar-lhe — "A'vante!" aquelle braço amigo,
Que o embalou nos dias da innocencia,
Ve-lo appontar-lhe a estrada da victoria;
Oh! se a tal homem covardia póde.
Entrar no peito vil... Não é possivel.
Eu apprendi a combater com elle,
Lembra-me o dia — porventura o maximo
De minha vida, se hontem, se outro ainda
Nos de minha existencia não contára; —
Quando no estreito * a barbaresca frota
Nossas naus victoriosas derrotárão.
Essa a lição primeira me foi d'armas,
Essa a primeira vez, que o mauro alfange
Por d'ante os olhos me cruzou co'a morte.
Juncto a meu pae (á frente o vírão sempre)
Sôbre o imigo baixel a panno cheio
Cahia a nau de seu commando. ‡ Um sylvo
De peloiro soou. — Mirado a elle
Certeiro mouro tinha. — Estendo o escudo...
Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
A balla resvalou, — e ja sem fôrça,
Leve aqui me feriu na sestra face,
E fria aos pés me cai."
—" Leve ferida

* De Gibraltar.

‡ Historico.

Dizeis vós, que um dos olhos!..."
—" Que vale isso
Para salvar um pae; Dous nos ha dado
Liberal natureza. — Volvo á patria
Outra vez de esperanças illudido.
Alguns serviços, por benignos chefes
Exagerados sim, mas não mentidos,
Nada obtiverão, — nem o esquecimento
D'um inimigo cru, jurado, injusto,
Que jamais o offendi, jamais. — Se é offensa
Ter olhos para ver a formosura,
Coração para a amar, alma de fogo
Para mandar aos labios anhelantes
Faiscas dêsse amor: se o dom da lyra
(Di-lo-ei funesto, ou chamar-lhe-ei ditoso?)
Que me outorgára o ceo, votei ás aras
Dêsse amor, que foi unica ventura,
De minha vida, — unica, innocente
Causa de meus acerbos infortunios;
E agora..."
Sôbre o peito a dextra apperta,
Como em chaga dorida a mão do enfermo
Para accalmar a dor; pendeu-lhe a frente
Para o seio agitado. Instantes breves
As mostras da afflicção se patenteião.
— "Se é crime (continuou) ter alma, e vista,
Foi essa a unica offensa, que lhe hei feito
Ao vingativo conde. * Por má sorte,

* O conde da Castanheira: veja nota no fim.

Laços fataes de sangue lhe prendião
De meus suspiros o adorado objecto.
O nascimento igual, a igual fortuna,
Tudo por mim, tudo por nós fallava.
Cubiça empederniu seu duro peito:
E o soldado só d'honra herdeiro rico
Que podia esperar? Seu vão orgulho
Se envileceu, de baixo, a perseguir-me.

" Nada na côrte obtive contrastado
Por tam forte inimigo, e poderoso.
Sem arrimo, sem pae — (Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos,
Que o sangue pela patria hão barateado
Para perder á mingoa o resto delle,
Meu pae de pura mágoa, e de despeito
Fenecêra em meus braços.) só no mundo
Que me restava? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

" De taes ideias combatido o ânimo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeiava,
E os olhos desvairados estendia
Por essa magestade de suas aguas
Coalhadas de baixeis, que as ricas pareas,
Que os tributos do oriente vem trazer-lhe.
Andando, meu espirito agitado

Se enlevava nas glôrias, nos prodigios,
Que a tam pequeno canto do universo
Ametade da terra avassallárão,
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De tropheos portuguezes; via o nauta,
Que ousou galgar o tormentorio cabo,
E nos balcões da descuberta aurora
Hasteou as Quinas sanctas. Retinião-me
Nos tremulos ouvidos os trabucos,
Que a golpes crebros as muralhas prostrão
Do rico Ormuz, da próspera Malaca,
E da soberba Goa, emporio novo
Do novo imperio immenso. Via accurvados
Reis de Siam, Camboje, de Narzinga
Aos pés do vencedor depor os sceptros,
E render, supplicantes, vassallagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões, — dispersos
Os palpipantes membros dêsse filho,
Por quem não correm lagrimas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

"Dêsse pae venerando, — esse Fabricio
Da lusitana historia, renovando
Sob os arcos triumphaes da inclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes,

Que só gerárão Lusitania, e Roma, —
De Vasco, de Pacheco, de Alboquerque
Inflammavão n'um extasi de rapto
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo, e d'honra,
Quem tanta glória a tam pequeno berço
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado
D'homens, á mais pequena nação do orbe
Deu máres a transpor, veredas novas
A descubrir na face do universo;
Povos a subjugar, reis a humilhá-los,
Ignotos mundos a ajunctar ao velho,
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?
Elles. — E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado? — A fome
N'um hospital galardoou Pacheco;
A Alboquerque a deshonra ao pé da campa;
Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sôbre o leito da morte mendigava.

" Ingrata — ingrata patria! — Fatigado
Como de tanta glória, e tal vergonha,
Parei. Juncto me achava então do Templo, *
Que a piedade, e fortunas appregoão
De Manoel o feliz: padrão sagrado
De glória, e religião; esmêro d'artes
Protegidas d'um rei, que soube o preço

* Igreja do convento de Belem.

— Alguma vez ao menos — ao talento
A' lealdade, ao valor, ao patriotismo.
— Nem sempre; mas tam pouco de virtude
Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes!

" Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. Nas vivas telas animadas
Dos pinceis de Campello se pascião
Meus olhos admirados. Dei c'o tumulo,
De custoso lavor, que ahi resguarda
As cinzas do monarcha affortunado:
Affortunado em vida; — a morte, fexa-lhe
Sêllo do Eterno os labios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulcro.
Mais cansado, que pio, ajoelhei-me
Sôbre os degraus do tumulo; insensivel,
No recostado braço a frente inclino,
E descahi n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo é da vida. Somno embora
Lhe chamaria, se as visões tam claras
Mais rapto d'alma em extasi sublime,
Que imagem van de sonhos, as não visse.
Talvez sería natural effeito
De agitados sentidos; porventura
Mui credulo serei: mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

" Oh! sonho não foi esse. — Affigurou-se-me

Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente,
Que mal embaça o lume das estrellas
No puro azul dos ceos: — foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular, — qual sohem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte. —
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,
Qual molle cera em mãos d'habil artifice,
Tomando foi. Ja claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas, e longas:
Seus braços de extenção desmesurada,
Um sôbre o peito c'o indice appontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavão. Viva chamma,
Como luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe solettrei — *Amor da patria.*

" Da maravilha como por incanto,
Sem receio, ou terror a contemplava,
Quasi por tal prodigio infeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero, e suave,
Mas solemnes ouvi: — " Joven ousado,
" Grande empresa te coube, — acerba glória,
" De que não gosarás. Desgraças cruas
" Fadão teus dias... Mas a glória ao cabo.
" A patria, que foi minha, que amei sempre,

" Que amo inda agora, grão serviço aguarda
" De ti. Um monumento mais duravel
" Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves.
" Pyramide será, por onde os seculos
" Hão de passar de longe, e respeitosos.
" Galardão não o esperes. — Enganado
" Por tredo acconselhar, ingrato hei sido,
" E a quem ! — Maiores de meu sangue ainda
" Ingratos nascerão. * Tu serve a patria :
" E' teu destino celebrar seu nome.
" Os homens não são dignos nem d'as queixas
" Escutar do infeliz. Segue ao oriente,
" Salva do esquecimento essas ruinas,
" Que ja meus netos de amontoar começão
" Nos campos, nos alcaceres de glória,
" Preço de tanto sangue, e mais virtudes.
" Um dia... — Emvão perante o excelso throno
" Do Eterno me hei prostrado ; irrevogavel
" A sentença fatal tem de cumprir-se. —
" Um dia inda virá, que envilecido,
" Esquecido na terra, envergonhado
" O nome portuguez... — Oppróbrio, mágoa,
" Dura pena de crimes ! — taboa unica
" Lhe daras tu para salvar-lhe a fama
" Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,
" Aos povos, ás nações : *Alli foi Lysia.*
" Como o encerrado rôllo sôbre as aguas

* Allude ao que depois se diz d'el rei D. Sebastião.

" Unico leva á praia o nome, e a fama
" Do perdido baixel. * — Parte. Salvá-lo !
" Salvá-lo, em quanto é tempo!-Extincto... Infamia!
" Extincto Portugal... Oh dor !.. " — Rompeu-lhe
O derradeiro accento destas vozes
Em som de pena tal, e tam tremendo,
De tam profunda mágoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me rimbomba.
Estremeci, olhei ; ja nada vejo :
Ou accordei, ou a visão se fôra.

" Dir-vos-ei que serena a mente, e placida,
Que as ideias distinctas conservava,
Não como é d'uso ao despertar d'um sonho ?
Fé me não prestareis : mas em minha alma
Tam claramente li como um reflexo
De inspiração maior que humana cousa,
Que sem hesitar mais, sem um momento
De incerto duvidar, assentei firme
No presuposto de seguir meu fado,
E ás descubertas plagas do oriente
Ir demandar essa escondida sorte,
Esse feito, essa glória promettida
De engrandecer o ninho meu paterno.

" Uma só cousa. — Confessá-lo é fôrça,
Mas que dizê-lo peije — accobardava

* Veja nota a este verso, no fim.

A tenção resoluta. Ir mar em fóra
A terras la tam longes, e deixá-la,
Deixá-la... e sem esp'ranças, nem ao menos
De inda a tornar a ver!... Sabeis quem digo;
Poupae-me a dor de proferir seu nome.
Dura, e ferida n'alma se travavão
Batalha amor, e patria. Amor vencia
Quasi... — Não triumphou..."
Aqui chegava
O contar de sua historia, quando á porta
Da cella redobrados golpes batem.
O missionario abriu; um pagem môço
De rico dó custoso ataviado,
Uma carta fexada a fio negro
De seda traz.

PAGEM.

"Um cavalleiro busco
Hontem da India vindo.

MISSIONARIO.

"Hontem chegárão
Os galeões da frota; cavalleiros
Muitos virião."

PAGEM.

"O galeão Dom Vasco

Se diz, e o cavalleiro... Lede."
                                        Ajuncto
Do pagem se chegára o Lusitano
Da inesp'rada mensagem curioso.
No subscripto leu que assim dizia:
A Luiz de Camões — logo *Escudeiro;*
Mais abaixo — *Em mão propria.*

CAMÕES.

                                        "Entregae, pagem:
Sou esse. De quem vem?"

PAGEM.

                                        "De quem não manda
Mais palavra, que as lettras vos não digão."
Corteja, e parte logo. — Que será?

FIM DO CANTO TERCEIRO.

CANTO QUARTO.

Ja a vista pouco a pouco se desterra,
Daquelles patrios montes, que ficavão;
....
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas la deixavão;
E ja, depois que toda se escondeo,
Não vimos mais enfim que mar, e ceo.
LUS., cant. V, est. 3.

" Quem não receia de gemer c'o afflicto,
" E valentia lhe sobeja n'alma
" De supportar a mágoa, — acerba e dura
" Sera ella — nas brenhas solitarias,
" Sôbre a Serra da Lua, entre as ruinas
" Do deserto castello achará cousa
" De alto valor a coração sensivel.
" Ámanhan, no espirar da luz. — Incognito. "

Dizia a carta assim. — Mágoas, gemidos,
Valentia, thesouros d'alto preço!
Quem? Para quê? — Irei? Porque não? — Vamos.
Ámanhan? Ámanhan: partirei hoje.
Irei, sim. Não achais que devo, amigo? "
— " Deveis, o que? "
— " Ir. "
— " Onde? "
— " Ah! onde? A Cintra."

— " Se pretendeis da côrte, ouvi que a Cintra
Se fôra elrei com o conselho, e cabos
Principaes do exército. É voz pública
Que hão de ahi decidir graves projectos
D'alta valia : mas.... "
— " Pouco me importa
A mim côrte, e conselho : outros motivos,
Outras razõss ... "
— " Embora : a Deus não praza
Que no segredo alheio me intrometta.
Mas, pois que ides á côrte, ou perto della,
Avisado sería approveitar-vos
Da occasiäo. Por bôca anda de todos
Que do joven monarcha se prepara
Nova jornada ás costas africanas.
Em bem a fade o ceo. "
— " Dizem-no ? E' certo ?
Um mancebo inexperto, unica esp'rança
Do reino, que, ainda mal ! ja tanto inclina
Da primeira grandeza ! — Ah ! confiança
Tenho que inda haverá nesse conselho
Um Portuguez, que portuguez lhe falle,
E com a respeitosa liberdade,
Que é nossa natural, e um bom rei préza. —
Preze, ou não, deve ouvi-la : e mau conselho
Dara sempre o que, ao da-lo, se arreceia
Da verdade, que diz. — E' tarde, é tarde,
Fomos, näo somos ja. "
Continuarão

Em prácticas iguaes os dous amigos;
Mas o Luso, á quem n'alma se alevantão
Ideias, que as da patria suspendêrão,
D'est'arte diz:
— " Amigo, um dever triste
Me chama, a quê não sei: cobre-o mysterio
Com veo impenetravel. Minha vida
Toda ha sido de estranhas aventuras.
Quem sabe? — pôr-lhe-á termo ésta, que ignoro.
E' de fracos temer; mas de prudentes
Acautellar-se é lei. Meu haver unico,
Todos os meus thesouros são um livro.
Pouco valor, — nenhum tem porventura;
Mas de longas fadigas, do trabalho
Da vida inteira é fructo. Escripto em partes
Com lagrimas ha sido, e bem podéra
Com sangue em muitas. Sôbre os calvos serros
Das montanhas, nos valles deleitosos,
No campo em tendas, na guarita em praças,
No mar entre o arruido das procellas,
Ao dos grilhões nos carceres, — continuo,
Incessante, indefesso hei trabalhado
Para levar ao cabo a emprêsa ardida
De livro tal; — emprêsa mais que muito
Desmesurada a meu sugeito humilde.
Náufrago ja do Mecon ás ribeiras,
Onde tudo perdi, d'um braço a vida,
Nadando, ás ondas confiei revoltas,
Para no outro o levar. — Este depósito

Em vossas mãos confio. Se mais novas
Não houverdes de mim....., quem sabe ? acaso
Util poderá ser á minha patria.
Ella, e o seu amor, todo o inspirárão,
A' sua glória inteiro é consagrado. "
— " Tam longa viagem, tam p'rigosa é ella ? "
— " Longa não : perigosa... Eu sei ? Não, certo. "
— " Quando entendeis partir ? "
— " Eu ? ésta noute. "
— " Assim, que em nada mais servir-vos posso ;
Nem ja de vossa historia interessante
Ataremos o fio ? "
— " Oh ! sim : nem longo
Será elle. "
Suspenso alguns momentos,
Como buscando, entre outras, uma ideia,
No tumulo confusa, assim prosegue.

" Fallei-vos, se a turbada phantasia
Me não ingana, da tenção tomada
Por quasi inspiração — vão sonho acaso.
Com pensamentos taes sahi do templo :
Escondia-se o sol d'alem dos montes
Da outra margem do Tejo : alva, e sem lume
Parecia no azul dos ceos serenos
Infante a lua, como um arco eburneo,
Que ao numen, que nesse astro affigurárão,
Derão antigos vates. Mais sereno,
Mais bello pôr de sol jamais o hei visto

Nos desvairados climas decorridos
Em minha incerta vida. Ao longo vinha
Da solitaria praia respirando
A fresca viração, que mal das aguas
Leve encrespava a superficie apenas :
Uma voz me chamou, — voz que em meu peito
Ouve inda o coração — voz doce, e meiga,
Que nunca mais... Oh ! nunca mais na terra
Escutarei dos vivos... — volvo o rosto.
De baixa gelosia me acenava
Com um candido veo, mais nivea, e candida,
Formosa, e breve mão. Fluctuando ao vento
O veo cahiu, e a dextra desparece.
Ergui-o palpitando : um nó o atava ;
E verde fio de ligeira seda
Fexa um bilhete ; abri-o, li : — " Roubado
" Foi este instante a barbaros tutores.
" Insensatos ! vigia mais do que elles
" Amor, que póde tudo. A minha glória.
" Pu-la em teu coração ; minha ventura,
" Minha vida, o meu ser de ti confio.
" Parte — é fôrça partir.... — Ausencia dura,
" Separação cruel só póde unir-nos.
" Sai a frota ámanhan : vai allistar-te :
" Campo no oriente a grandes feitos se abre.
" Volta com nome tal, que tudo vença.
" Eu vivirei de lagrimas..... — Embora.
" Matar-me-hão saudades.... — Não, não hão-de.
" Ver-me-ás ainda ; um anjo hontem m'o disse

" N'um sonho tam feliz ! — Era eu vestida
" De riquissimas gallas ; e alva c'roa
" De rosas me toucava ; tu a um lado,
" Triste — não sei por quê : outros de lutto ;
" Não me admirou, que nosso amor não querem.
" E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
" Tamanho se fará teu nome, e gloria,
" Que encha o universo.— Vai : adeus !... Terrivel,
" Amargo adeus é este.... Não importa,
" Parte.... e jamais te esqueças.... "
Uma lagrima
Delíra o mais das lettras ; — quente ainda
A senti no papel..... — Mudo, e sem vida
Horas longas fiquei parado, estatico,
No coração a carta, os olhos fitos
Na avara gelosia. Alta ia a noute ;
Agua acima passava uma falua :
Bradei, accodem, a Lisboa volto,
E ao outro dia, na maré da tarde
Da poupa d'um galeão via fugindo
O Tejo, as suas ribas deliciosas,
Depois a terra ; — alfim o ceo, e as aguas
Sós com minhas tristezas me ficárão.

" Próspero o vento foi. Por esses máres, *
Que humana geração jamais abríra,
Seguindo fomos o atrevido esteiro

* Lus., canto V, desde a est. 3, até 10.

Do grande Vasco. A' sestra nos ficavão
As mauritanas varzeas tam regadas
De sangue nosso. Vimos a frondosa,
Vecejante Madeira, a primogenita
De nossas descubertas, e a mais bella
De quantas pelo athlantico dispersas
O generoso Henrique descubríra.
Massylia esteril, e os queimados serros,
D'onde o Sanagá negro se despenha,
Passámos, o Arsinario cabo vendo,
Que verde em seu extremo appelidámos.
Vimos tambem as Fortunadas * insulas,
E entrando as que d'Hesperio o nome tomão, **
As orientaes costas africanas
Rodeámos de Jalofo, e de Mandinga,
D'onde o curvo Gambea ao Tejo manda
As ricas pareas da luzente veia.
As Dorcadas *** passámos, que dos sylvos †
Das viboras na areia inda retinem,
Crespas tranças outr'ora, que inflammavão
O cerulo Neptuno. Ao austro a proa,
No immenso golpho entrámos, transcorrendo
A Leoa serra asperrima, e das Palmas
O cabo, a quem tal nome havemos dado;
E a ilha, que do incredulo discipulo
O appelido tomou. ‡ Alli a fertil,

* Canarias. ** As do cabo verde. *** Ilha do principe, &c.
† Lus., canto V. desde a est. 11, até 14. ‡ Ilha de S. Thomé.

Vastissima região, que lava o Zayre, *
Ganha por nós á fé, e conquistada
Por armas só de paz. Assim transposto
O que divide o mundo, ardente término,
A' dextra nos ficava a plaga immensa
Não sonhada de antigos sabedores,
Por onde o velho mundo dilatárão
Hesperios dous, terceiro o lusitano; **
Como se o completar tamanho feito
Fôra a humanos esforços impossivel,
Se o braço portuguez não ajudára.

" O astro novo não visto d'outra gente,
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse,
Ja no hemyspherio novo nos brilhava.
Viamos essa parte menos bella,
Onde raras estrellas pasce o pollo:
Alli, pesar de Juno, e de seus zelos, †
Vimos banhar nas aguas de Neptuno
As imflammadas Ursas. Pelos topes
Dos mastos, e no horror da tempestade,
Claro avistámos a azulada chamma
Do sancto, vivo lume. Oh! recontar-vos
As maravilhas tantas, os prodigios,
Que hei visto, longo fôra; e conhecidas
Serão ellas de vós, que os vastos máres,

* Reinos de Angolla, e Congo. ** Colombo, Americo Vespucio, e Pedr'alv'res Cabral. — † Lus., canto V, desde a est. 15, até 25.

Que as não sabidas plagas descubertas
Pela nobre ardideza lusitana
Corrido haveis tambem. Destas paragens
Velas démos ao noto, que soprava
Rijo, em vão, contra a fôrça descontrada
Da impetuosa corrente. Ia uma noute
Na cortadora proa vigiando,
Quando atra cerração medonha, e feia *
Nos fexa o claro ceo ; amaina o vento,
E em tanta escuridão batendo as velas
Em podre calma, á pavorosa scena
Dóbrão tremendo horror. — O mar ao longe
Dá longos, oucos brados, que rebramão,
Como se désse em vão n'algum rochedo.

" Eramos cerca do famoso cabo,
A que mudou boa esperança o nome,
Que primeiro lhe démos, das tormentas.
Ao pensar em tam asperas fadigas,
Tanto sangue perdido, tanta morte,
Tanto naufragio cru, desgraças tantas,
Que a dobrar esse cabo nos custárão
Para ir edificar sublime imperio,
Novo reino entre gentes tam remotas,
Se me alargava o coração no peito,
Vendo-me portuguez. E é pois tal feito
Feito d'homens ?... — O vento repentino

* Lus., cant. V, desde a est. 37, até 38.

*

Soprou, rasgárão-se as fexadas nuvens,
E retremeu nos máres o estampido
D'um trovão temeroso. Alheada a mente
Na magestade da procella horrisona,
E em tamanhas ideias confundida,
No ar se me affigurou troar de irada
A potestade immensa d'algum genio,
Que os cancellos do oriente alli guardasse.
Cuidei ver a grandissima estatura
De disforme gigante, a quem as chaves
Confiára d'Asia o árbitro do mundo,
E que de tanta audacia portugueza,
Irritado, ao primeiro que franquear-lhe
Assim ousou seu tam passo defeso,
Da bôca negra, e pallido de colera,
Fatidico dicesse. * — " Ó gente ousada,
" Mais que quantas no mundo hão commettido
" Emprêsas grandes, não te basta o mundo
" D'homens sabido para tantas guerras,
" Taes, e tam cruas, com que, tam pequenos,
" Fatigaes o universo? De tam longe
" Vindes quebrar meus terminos vedados,
" A demandar em regiões ignotas
" Onde cevar essa ambição de glória,
" Essa implacavel sêde de conquistas,
" Que no inquieto peito vos referve?
" Acabareis emfim co'a emprêsa ardida;

* Lus., canto V, est. 41, até 48.

" Sim, vencereis; mas cara a gram victoria
" Tem de custar-vos. Inimigo eterno
" Aqui em meu tremendo promontorio
" Tomar espero asperrima vingança
" De quem me descobriu. Mortes... — A morte
" Será dos males, que lhe guardo, o minimo.
" Nem da beldade as lagrimas formosas,
" Nem suspiros d'amor, nem ais carpidos
" De maternal ternura hão de amolgar-me.
" Mas não se acabará so nisto o damno:
" Antes por vossas mãos o mor castigo
" Recebereis: do imperio cimentado
" Com tanto sangue, e com virtudes tantas,
" (Breve as heis de perder) medonhos crimes,
" Devassa tyrannia, infandos vicios,
" Superstição cruel minarão cedo
" Os nobres fundamentos. Aluido
" Baqueará por terra o solio altivo,
" Que sôbre as ruinas erguereis dos povos.
" Vis descereis pelos degraus do vício
" Do throno, onde a virtude vos alçara."
— Assim na extasiada phantasia
Um echo mysterioso me soava;
Di-lo-ei preságio triste em ja gram parte
De seu fadar cumprido!

" Em fim dobrado *
O immenso, procelloso promontorio,

* Lus., canto V, desde a est. 62, até o fim.

Vogámos, longo, os mares interpostos,
Que do índico lago áquem separão
As requeimadas costas Africanas.
Saudámos a dura Mossambique,
Porta do Oriente, que a Asia lusitana
Parece unir aos africos dominios,
Por onde, desde a Europa, ás partes quatro
Se dilatou o portuguez imperio.

" Do longo navegar alfim ao termo
Desejado chegamos, nobre emporio
Do lusitano oriental dominio.
Entrámos essa altiva, e gram cidade,
Conquista do terrivel Alboquerque.
De sobresalto o coração batia-me
Ao pisar essas praias, que o triumpho
Vírão do forte Castro. — Aqui da guerra
No duro tratto, ora ao Gentio rudo,
Ora ao perfido Mouro combatendo
Longo continuei; porêm do marte
Lusitano era a sorte ja diversa:
Não glória ja, mas frivolas contendas,
Injustas oppressões nos arrancavão
A priguiçosa espada da bainha.

" Cheia a imaginação do mysterioso
Sonho, ou visão, que no moimento sacro
De Manoel me incendiára a phantasia,
Embalde aos p'rigos, ao furor das ondas,
Ao mais cru das batalhas me arrojava.

Se era meu fado a glória, mais potente
Foi que o meu fado, a inveja de inimigos,
Odios, perseguições. — Ja mal-ferido
De heiva de morte arqueija o imperio d'Asia :
Os devassos costumes, a impiedosa
Sêde de mando, a sordida cubiça
Dos ministros da lei, e até (sincero
Franco é meu discorrer, e — em mal!—bem certo.)
Dos que, indignos do altar, o altar profanão
Com sacrificios barbaros de sangue ;
A um Deus só de paz, e de bondade,
Em vez de puro incenso de virtudes,
Negro vapor de pallidos cadaveres,
Suspiros da viuva, ais do orphão triste,
Lagrimas, sangue, e morte offerecendo....
Tudo, a golpes continuos redobrados
Vai prostrando o glorioso monumento
De Alboquerques, de Castros, de Pachecos,
De Almeidas com virtude, e sangue erguido.
Qu'é dêsse esp'rito, que animava os fortes?
Qu'é dêsse vivo ardor de fama honrada,
Que faiscava em lusitanos peitos,
E arriscadas facções, a emprêsas grandes,
A mais que humanos feito os levava ?
Extinguiu-se, acabou. Ja fomos Lusos ;
Fomos : — de nossa glória o brado ingente
Breve será clamor, que longe soa,
Como voz de sepulcros esquecidos
Balda soando no porvir, que o ignora.

" Que me restava a mim, que me era dado
Em tal descáhimento, em tal baixeza,
Cometter, perpetrar ? — Inuteis p'rigos
Em guerras mais inuteis, cicatrizes
Mal prezadas de quem valia ignora
Do sangue disparzido em prol da patria,
Que podião valer-me ? De indignado
Ergui a voz, clamei contra a vergonha,
Que o nome portuguez assim manchava,
E o d'heroes fundadores d'um imperio
Por tam bastardos netos destruido.
Em vão clamei : minhas verdades duras
Molle ouvido aos tyrannos offendêrão ;
Puniu destêrro injusto a minha audacia. *

" Annos sette vaguei de terra em terra,
Ora vendo essas ilhas, ‡ onde aquece
Eterno fogo desusada fórça,
Ora os deliciosos habitantes
Da malaia peninsula. — Um repoiso,
Placido quanto o gosão desgraçados,
Encontrei na escalvada penedia,
Onde na roca esteril se alevanta
Macáo, fertil agora das riquezas,
Que o manancial do tráfico lhe verte.
Alli, só com meus tristes pensamentos,

* Historico. ‡ Philippinas.

Livre ao menos dos homens, só commigo,
Co'as lembranças da patria, co' as saudades,
Que la me tinhão coração, e vida,
Se não feliz vivi, sequer tranquillo.

" Nas penhas dessa ilha abriu natura
Cava na rocha, solitaria gruta *,
Onde as nayades frias vão coitar-se
Do ardor da sesta : á entrada lhe vecejão
Recendentes arbustos, eras crespas ;
E no vivo rochedo lhe entalhárão
Mysteriosas mãos ignotas lettras.
Talvez em longes eras meditasse
Solitario discip'lo de Confucio
Nessa caverna as eternaes verdades
Do grande *Tien*, do deus da natureza,
Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de Phedon. * — Vem quebrar-se.
Perto o mar, que se espraia longo e longo,
Té se perder no extremo do horisonte.
Alli de solledade amarga, e doce
Esquecidas passei horas ditosas ;
Ditosas, — se jamais fio d'areia
Na voadora ampulheta me ha corrido
Horas, que taes se chamem. — Nesse poiso

* Chamada ainda hoje a Gruta de Camões.

* Socrates. Veja nota no fim.

De suave tristeza me accodião
Á memoria as ideias do passado,
Magoadas c'as lembranças do presente,
De envolta com receios do futuro;
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada.

" Patria, oh patria! — dizia — é pois um sonho
Essa visão, que por celeste a tive?
Teu nome eternizar, dar brado á fama,
Que de ti digno, digno de Natercia,
As gerações pasmadas me appregoem....
Assim vos dissipais, visões de glória,
Como fumo, que se ergue da choupana
Para subir aos ceos, — que Euros dispérsão,
Quasi punindo-o de tenções tam altas!
Que póde em pro da patria um desgaçado.
Perseguido, no exílio inmerecido?....

" Uma voz ca do íntimo do peito
Cuidei ouvir que assim me respondia:
— Póde mais do que a espada, a voz, e a penna;
Feitos de glória immortaliza o canto,
Salvão do olvido as musas. Vive a fama
Que em versos divulgárão numerosos
Vates de Grecia, e Roma. E' menos digno
De eterno carme o peito lusitano, *

* Lus, cant. I, est. 3, até 12.

A quem Neptuno, e Marte obedecêrão,
Que essas do sabio Grego, e do Troiano
Navegações mentidas, fabulosas?
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
Não excedem os sonhos mal fingidos
De Orlandos falsos, e de vãos Rugeiros?
Do incerto Eneas para si não toma
Fama, e renome aquelle Gama illustre,
Que ousado em p'rigos, e esforçado em guerras,
Mais do que permittia humana fôrça,
Cometteu, e prefez acção tamanha?

" Na mente, como um impeto invencivel,
Me dava abalo o altivo pensamento.
Grande é o arrôjo, desmedida a altura,
Onde me affoita de subir a ideia.
Embora, embora; seguirei meu fado.
As nymphas invoquei do Tejo ameno,
Que em mim creassem novo ingenho ardente,
Que a tam subida emprêsa se elevasse.
Emprehendi, persev'rei no ousado intento;
Trabalho d'annos foi: alfim completo,
Com elle á doce patria me voltava
No benigno favor esperançado,
De meus concidadãos, no de um monarcha
Prezador das virtudes, do heroismo,
Que em meus versos cantei. — Mas doce ainda,
De mais subido premio outra esperança
Me alentava.... Ai de mim! um longo sonho

Minha existencia ha sido. — E pois que nada,
Nada ja'agora me ficou na terra.....
Sem *ella*... oh! nada — que me resta!... A morte.

" Ei-lo, senhor, o livro: appresentá-lo
Cuidei outr'ora á esperançosa prole
Do grande Manoel; cuidei depo-lo
Aos pés d'outro monarcha mais potente,
Que melhor galardão podéra dar-me
Por quanto hei merecido.... — Hoje....
Suspenso
Nesta voz, som confuso e mal formado,
Que vinha de poz ella, se disperde
Em longo, e cortadissimo suspiro.

FIM DO CANTO QUARTO.

CANTO QUINTO.

Repousa la no ceo eternamente,
E viva eu ca na terra sempre triste.
CAM., sonet.

" Correi sôbre éstas flores desbotadas,
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulcro as ha murchado.
Rosa d'amor, rosa porpurea, e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

" O viço de meus annos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte.
Estranhas praias, ignoradas gentes,
Barbaros cultos vi; gemi n'angústia,
Penei ao desamparo, em soledade,
Vaguei sosinho á mingua, e sem confôrto
Pelos palmares, onde ruge o tygre:
Tudo soffri no alento d'uma esp'rança,
Que, no instante de ve-la, me ha fugido.
Rosa d'amor, rosa porpurea, e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

" Longe, por esse azul dos vastos máres,
Na soidão melancolica das aguas

Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemeu minha saudade.
Alta a noute, escutei o carpir funebre
Do nauta, que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes; * aos longos pios
Da ave triste ajunctei meus ais mais tristes.

" Os ventos pelas gaveas sybilárão;
Duras rajadas d'escarceo tremendo
As descosidas pranchas semeavão
Pelas cavadas ondas. Feia a morte
Nos acenou co'as roxas agonias
Maldittas da esperança... — E eu só a via;
Eu só por entre o horror da tempestade
Via brilhar a luz da meiga estrella,
Unico norte meu. Por mar em fóra
Os duros membros negros estendia
Esse gigante, cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o veo dos interpostos seculos:
Quiz-me punir do ousado sacrillegio,
Com que os segredos seus vulguei na lyra.
As íras lhe arrostei, ouvi sem medo
Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procella.
Vi-lhe a esqualida barba, de despeito,
Arrepelar-se, e a côr terrena, e pallida

* Veja nota a este verso, no fim.

Ao clarão dos relampagos luzir-lhe
De sanguinosa colera inflammada.
Não me aterrou, que do almejado pôrto
Me allumiava o farol de amigo lume.
Farol consolador, fanal d'esperança,
Quando na praia ja, sem luz me deixas!
Engano lisongeiro da existencia,
Que verdade cruel te ha dissipado?
Que impia mão te ceifou no ardor da sesta,
Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella?

" Os echos das soidões, que lava o Ganges,
Das veigas, onde cresce a palma do Indo,
Repettírão teu nome: e o meigo accento
Da minha branda lyra, onde soava,
No sussuro das folhas recendentes
A filha de Cyniras murmurava.
Seus perfumados troncos, entalhados
Por minhas mãos, embalsemado pranto
Ao receber teu nome, derramavão:
A criminosa Myrha parecia
De tam virtuoso amor envergonhar-se.

" Oh gruta de Macáo, soidão querida,
Onde tam doces horas de tristeza
De sandade passei! gruta benigna,
Que escutastes meus languidos suspiros,
Que ouvistes minhas queixas namoradas;
Oh fresquidão amena, oh grato asylo,

Onde me ia acoitar de acerbas mágoas,
Onde amor, onde a patria me inspirárão
Os maviosos sons, e os sons terriveis.
Que hão de affrontar os tempos, e a injustiça,
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras eras
Os segredos d'amor, que me escutaste,
E tu dirás a ingratos Portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,
Se, alem della, e d'amor, por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.

" Patria, patria, rival tu foste *della !*
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *ella,* e por ti soffreu constante,
Que por ti só agora o fio extremo
Tenue conserva da existencia afflicta

" Ella me abandonou, ella não vive...
Linda, mimosa flor, á sombra tua,
Rasteira gramma vejetava apenas
Minha timida esp'rança. Amarelleço,
Desabrigada planta ao sôpro ardente
Do norte queimador. — Quem te ha cortado,
Quem, rainha das flóridas campinas,
Te descepou sem dó — que faz, que espera,
Que não leva tambem, que não arranca
A humilde hervinha, que sem ti falece?

Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella,
Oh! leva-me contigo á campa fria."

Canção, canção de morte era ésta sua,
Que em som carpido os montes repettião
Da umbrosa Cintra. Sôbre um calvo sêrro
Do mais erguido cume da montanha,
Assim cantava aos socegados ventos,
Qual moribundo cysne gorgeiando
Palas ribas do Eurotas. — Parecia
Que manso d'entre as auras suspirava
A enternecida Ignez, vendo o seu vate,
Seu immortal cantor gemer como ella.

Elle uma sêcca enmurchecida c'roa
De myrradas boninas apertava
Sôbre o anceado peito: a fio as lagrimas
(Embalde!) sôbre as flores ressequidas
Corrião da grinalda; ardente o pranto
Mais lhe queimava a tez: molhada embora,
Repassada de pranto, o viço é morto
Em flor, que ornou a lousa dos sepulcros.

Nascia o sol: as nevoas, que rebução
De humido manto os cumes das montanhas.
No alvorecer do dia, em veo ligeiro
Raras se adelgaçavão; resplendião
No socegado mar os doceis raios

Da recem-nada luz. A amena veiga, *
Delicioso valle, a quem de Tempe
Cede beldade, e fama, se estendia
Pelas faldas da serra. As perfumadas
Arvores d'aureos pomos reluzentes,
Que á veloz Athalanta o pé ligeiro
Na apostada carreira retiverão,
E o tam ligado cinto desatárão;
As verdes-escuras, espinhosas plantas,
D'onde, virgineas tetas imitando,
Pende o cereo limão, — pendor não grato
No lindo pomo, a que o semelha o vate, —
Sôbre a relva inda fresco-rociada
Das lagrimas da Aurora, se avistavão
Pella immensa campina recolhendo
A aura creadora nas lustrosas folhas,
D'onde a vida nos troncos se derrama.
Toda se alvoraçava a natureza
Á vinda alegre dessa luz benefica,
Remoçadora eterna da existencia,
Cujas são alma, e vida do universo.

Em toda a pompa, e luxo de suas galas
Cintra, a formosa Cintra se amostrava
Ao monarcha das luzes, — qual princeza
Do Oriente ao regio noivo se apresenta,

* Collares.

Voluptuosos perfumes axhalando
Das longas sedas, com que brinca o Zephyro.

Oh Cintra! oh saudosissimo retiro,
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamento, que embala adormecido
O sussurro das folhas, c'o murmurio
Das despenhadas limphas misturado;
Quem descansado á fresca sombra tua
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por ceos, por máres, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sôbre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida? — Oh grutas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?
Troncos, onde eu cortei queridos nomes
D'amizade, e d'amor, não heide um dia
Pergunctar-vos por elles? Solettrando
Não irei pelas árvores crescidas
Os characteres, que em tenrinhas plantas
Pelas verdes cortiças lh'entalhára?

Oh ! se ainda eu vos verei ! Se os robres duros,
Se me guardão fieis os seixos vivos
O humilde nome do esquecido vate,
Que em dias de prazer — tam breves forão !
Dias de glória, ternas mãos gravárão !

Ha corações ainda, que o conservão
Esse ignorado, mal sabido nome.
Ha sim ; tributo recebei em lagrimas
De inutil gratidão. — Salvae, ó Musas,
De meus escuros versos éstas linhas,
Á glória não, mas á lembrança ao menos
De algum sensivel peito. — Onde não gira
Meu sangue.... — E o sangue quam diverso corre
Por veias, que esquecidas não palpitão,
Desleaes ! co'a memoria, mas que rara,
Do infeliz, cujo seio enfraquecido
Sangue, como esse, alenta..... Onde não gira
Meu sangue — E o sangue quam diverso corre !
Peitos achei sacrarios de amizade,
Corações d'homem.....
Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera.
Quem te não ama ? Quem, se em teu recinto
Uma hora da vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá ? Teu nome soa
Eterno ja, nos cantos enramados
De inmorredouras flores. Mas que as aguas,
Que hoje na firme base em vão se quebrão

Do erguido promontorio, um dia infrenes,
Sôltas da voz, que disse ao mar: *Suspende-te,*
Teu limite é ahi — galgá-lo ousassem,
E levar os delphins enamorados
Folgar nos sitios, onde geme a rôlla,
E philomela mudulou queixumes,
Suavissimo incanto da espessura;
Mas que prodigio tal novos trouxessem
Os seculos de Pyrha, — inda o teu nome
Não o esquecêra transmudado o mundo.
Leva-to alem das passadouras eras
Do bardo mysterioso * o eterno canto,
A harpa sublime agora pendurada
Nos louros do Pamyso, — onde um suspiro
De morte lhe quebrou a extrema chorda,
Que Eleutheria divina lhe montára;
Do cantor, que no alento derradeiro
Ouvírão as cidades contendoras
Pelo berço d'Homero, em canção última
De moribundo cysne, o brado ingente
Alçar da glória aos filhos accordados
De Leonidas, que dorme..... Não, não dorme;
Véla, c'o escudo, e lança emtôrno roda
Da arvorezinha tenra, que plantárão
Lanças dos bravos. Lanças mil a ameação:
Desistirá? — Ou do consorcio adúltero,
Impia liga da Cruz, e do Crescente,

* Byron's Child Harold. Pilgri. Cant. I, ou II.

Nascerá monstro, que a devore, a trague,
E a queimada raiz lhe exponha ao vento
Da atra ambição dos reis? — Morrei ao menos,
Filhos d'Helléno, perecei com ella.
A vós ja volvo ó solidões de Cintra,

E ao vate, que suspira melancolico,
No alto da serrania. Ultimas notas
De sua triste canção inda zumbião
Pelas azas dos placidos favonios,
Quando um voz; — "Não é de ânimo grande
Succumbir aos revezes: gema embora
O coração ferido; mas um prazo
Deu a razão ás lagrimas. Segui-me
Onde o dever vos chama."
— "E quem se incumbe
De me chamar a mim aos meus deveres?
Ousado és... Ah! sois vós?"
— "Sou eu, amigo;
Cavalleiro, sou eu. Vinde; á justiça
Porta abrimos emfim: ver-vos deseja,
E ouvir-nos o monarcha."
— "A mim!"
— "Podérão
Chegar ao throno as vozes da verdade.
Sabe quem sois elrei; louvou com emphase
O amor da patria glória, que a alta emprêsa
De eternisar seu nome ha commettido,
Dando aos heroes de Lysia eterna fama.

Vinde, que á hora nona vos aguarda
Impaciente."
— "Mas o livro?....."
— "Á côrte
Vim por elle, e por vós; commigo o trouxe.
Ha muito o conhecia: amigos vossos
Delle com grande preço me hão fallado
Em Goa, e Mossambique."
— "E como ao ouvido
Chegou d'elrei meu ignorado nome?"
— "Sabereis tudo: dae-vos pressa; é tempo
De preparar-vos á solemne audiencia,
Que havereis do monarcha."
Ambos desciāo
A ingreme serra; abordoado o velho
Em seu cajado tosco, lhe dobrava
Tremulos passos caridoso empenho
Do officioso coração. Renasce
O ardor sopito no inflammado peito
Do guerreiro accordado do lethargo,
De que o desperta esperançosa a glória.

FIM DO CANTO QUINTO.

CANTO SEXTO.

> Não tinha em tanto os feitos gloriosos
> De Achilles, Alexandre na peleja,
> Quanto de quem o canta os numerosos
> Versos; isso só louva, isso deseja.
>
> *LUS., cant. V, est. 93.*

O sceptro de Manoel, nas mãos ja debeis
De Joanne * começado a desdourar-se
Do esmalte das victorias, e triumphos,
De que tanta virtude o adereçára;
O sceptro, que nas mãos d'outro Joanne, **
Que ensinou a ser reis os reis do mundo,
Fôra vara de lei, e de justiça,
Fiel de liberdade bem pesada
Na balança de pública ventura;
Ora na dextra de inexperto joven
Vergado a maus conselhos, vacillante
Por meneio imprudente, mal dirige
A máchina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lysia
Do zenith de sua glória descrevia
Curva affrontosa a miserando occaso

* D. João III. ** D. João II.

Que de Alcacer nas torridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão minando.

Reinava Sebastião. — Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama, e d'honra
Bastára a fazer reis, fôra um rei esse;
Mas... — Sebastião reinava. Mal dormindo
Sôbre os avitos louros ja corrêra
A segar palmas na africana terra,
Que de nossas conquistas, e victorias
Berço fatal ha sido, e sepultura.
Do primeiro triumpho embriagado
Cuidou ja da fortuna á vária roda
Adamantino cravo haver fixado.
Armas, pelejas, e victorias sonha;
E intanto sôbre as ondas mal seguras
Voga, á lei dellas, o baixel do estado.
Em suas íras, de flagello aos povos,
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.
A vidas mãos do leme abandonado
Valídos travão, não a endereça-lo
Para o rumo perdido; mas cubiça
Treda, que os move, a syrthes, a naufragios
Desarvorada a nau presto arremessa.
Liga fatal de sangue, e de maldades
Unira os dous irmãos, que astutas manhas
Do ânimo real appoderárão.
Fanatico Luiz, Martin vaidoso *

* Veja nota no fim.

Ambos de ouro, e de mando insaciaveis,
Hypocritas os dous, iguaes na astucia,
Entre o joven monarcha, e entre o seu povo,
Entre o chefe, e a nação ardua barreira
De impostura, e traições alevantavão.

Do Es-cu-al a onça refalsada,
Co'a raposa do astuto Va-i-no,
Os negros fios da ambição urdião,
Que por mãos de vendidos conselheiros. *
Em labyrinto escuro enrevezavão
Os descuidados passos do monarcha.
Murmurava em silencio mal soffrido
Da nobreza leal o escasso resto,
Que do antigo despejo lusitano
Os francos sentimentos conservava.
Bonzos ** crueis triumphavão: basta off'renda
No profanado altar, fogueiras, victimas,
Do oriente ao occidente, lhe affumavão
O incenso da cubiça, e o vapor negro
De sangue, e morte, que regalla os monstros.
Em taças de ouro, com prazer de tygres,
De lagrimas de viuvas se embriagão;
E os suspiros dos orphãos desvalidos,

* Allusão ás machinações dos Jesuitas, com Castella, contra a independencia de Portugal. *Deduc. chron. e anal.* Veja nota no fim. ** Os Jesuitas. Veja *Deduc., chr. e anal.* e outros documentos publicados no reinado do Sr. rei D. José.

Como deleite de suave musica,
Os damnados ouvidos lhes affagão.

Echo antigo do nome lusitano,
Memorias de Pachecos, e Alboquerques
Sós continhão ainda os inimigos
Do vacillante imperio. Allucinado,
Ignorante dos males, que lhe encobrem,
Crê reinar sôbre um povo affortunado
Do Tejo ao Zayre, e do Amazona ao Ganges,
O mancebo infeliz: tam vastos reinos,
Que não governa, dilatar procura.
Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!
Que triumphos, que glórias, que esperanças.
Que sec'los de victoria, que virtudes
Não vão, n'um dia, perecer com elle!
Sorvei, areias d'Africa essas cinzas,
Bebei todo esse sangue. — As azas mortas
Exanime enrolou, cahio por terra
O temeroso Drago, que amparára
As Quinas tanto sec'lo: então primeiro
O Leão de Pyrene o olhou sem medo.

Um só de honrada fama, inda virtuoso,
E portuguez ainda, conservava
No ânimo real leve influencia.
Aio dera o avô ao joven principe
Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,
E em virtudes, e lettras illustrados

Cavalleiros da côrte. Não se atreve,
Comquanto o desejára, o rei mancebo
A affastar de seu lado este severo
Amigo, que as verdades lhe não doura,
Nem de lisonja vil empana o lustre,
Que em suas rectas palavras pôs justiça.
Erros fataes, injustos procederes
Seus conselhos leaes hão prevenido.
Odeião-no os valídos, mas não ousão
Atacá-lo de frente ; surdos minão
O favor do monarcha mal experto :
Porêm suas artes, nesse tempo ainda,
Da singela virtude de Menezes
Triumphado não tinhão. — Pura ingenua,
Como a do homem de bem, era a de Aleixo
A religião sinsera ; detestava
A hypocrisia, o orgulho de ministros *
De um Deus, todo humildade, e singeleza,
Que, sem commentadores, lhe mostravão
O Evangelho, e a razão. Poucos amigos,
Como é de vêr, contava o honrado velho,
Mas dignos delle todos. Dêsse número
Era — e não muitos mais de seu estado —
O castelhano ancião, a quem o acaso
Hóspede, e confidente ao vate dera.

Sancto fervor, que á lusitana côrte
Trouxera o venerando missionario,

* Allusão aos Jesuitas.

Do aio real na proteção confia
Para obter o que importa a seus misteres
Nas remotas regiões, onde deixára
C'os neophytos seus alma, e cuidados.
Versado nos antigos exemplares
De Grecia, e Roma, aos canticos sublimes
De Job, e de Isaías se apprazia
De comparar, em horas descançadas,
Canções de Smyrna, e Mantua: a miudo o vírão
Sôbre os prantos de Dido verter lagrimas,
Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho. Recebendo
Em depôsito um poema, de que ouvíra
Fallar ja tanto, e de homem tam famoso
Por seu grande saber, talento, e arte,
Ávido o livro abriu, leu. Admirado
De ver trajar alfaias lusitanas
Ás homereas bellezas, aos apuros
Das virgilianas graças, — mas ainda
De originaes, de novas formosuras
Por antigos cantores não sabidas
— Cantores, que jamais cuidou possivel
De igualar, de exceder trabalho humano, —
Seu generoso natural ardente
Se lhe inflamou de nobre enthusiasmo:
" E obra tal, (axclamou) tamanho ingenho,
Tam nobre amor da patria, tam sublime
Ardua emprêsa, trabalho tam difficil
Não tera galardão? Quem ha mer'cido

Tanto da patria por espada, e penna,
Ingrata a patria o deixará sem premio ?
Irá mendigo, e supplice implorando
A chatim mercador de ganho avaro
O humildoso favor de que lhe acceite
Tal obra, e tanta por mesquinho preço,
Que por ventura nem lhe mate a fome,
Nem lhe cubra a nudez ? — Oh !...." Resoluto
Toma o bordão, caminho vai de Cintra,
A Aleixo falla, expõe-lhe o triste caso,
Maravilhas, que leu, conta e virtudes,
E assignalados feitos do homem grande,
Que em vão appouca a sorte. Almas formadas
Para a virtude, e nobres sentimentos
Facil se intendem, facil communicão
De seu ardor sagrado o intimo fogo.

Menezes disse ao rei : " Senhor, um velho,
Um fiel servidor de tantos annos,
Que jamais vos pediu mercê nenhuma,
Hoje um simples favor, pequeno, e unico
Da bondade real — talvez justiça —
Poderá esperar ? "
— " Tudo : explicae-vos.
Tudo : que pertendeis ? "
— " Pouco vos peço :
Que ouçais um infeliz. "
— Onde está elle ?
Venha ; mas seja breve : o tempo é curto,

E meus projectos.... "
— " Praza a Deus que sejão
Aos Portuguezes, e ao seu rei proficuos ! "
— " Certo o serão : a glória nos aguarda
Nas africanas praias impaciente.
A mim me tarda ja de ir encontra-la,
E.... Porêm dom Aleixo não approva
As tenções do seu rei. "
— " Quando em conselho,
Franco ouvireis o meu ; mas fóra delle,
Real senhor, respeito, e obediencia
São os deveres unicos d'um subdito. "
— " O homem, que sois, Menezes, bem conheço ;
Amei-vos desde a infancia, e inda vos amo ;
Sois meu amigo, sei-o, e tam sincero,
Tam leal o não tenho. "
— " O ceo permitta
Que o cuideis sempre ; e que infieis não sejão....
Senhor, o desgraçado, por quem rógo,
Nada vos pede ; é Portuguez, e altivo,
Como o são Portuguezes : mas tal feito,
Tam gloriosa emprêsa em prol da patria
Cometteu, e prefez ; que ja desaire
Real sería de a deixar sem premio. "
—"Que ha feito pois ? De Vasco, ou de Alboquerque
As acções excedeu ? "
— " Fez mais do que elles ;
Immortaes os tornou. Podem um dia
Erros nossos, baloiços da fortuna

Dar cabo dessas glórias do oriente,
Dessas conquistas d'Alboquerques, Vascos;
Mas a fama das lettras não perece,
Nem a domina o fado. Tanta glória
De Portugal padrão eterno exije,
Que lhe assegure dos vaivens da sorte
O porvir sempre incerto. Que souberamos
Das façanhas de Achilles, da piedade
Do fundador primeiro dessa gente
Romana, cujo nome inda enche a terra,
Se de Virgilio, e Homero não ficassem
Mais duraveis, seguros monumentos,
Que as vencidas nações, que os altos muros
Das erguidas cidades? Confessá-lo
Nos é força a nós outros cavalleiros:
Renome, e glória, bem o ganha a espada;
Mas conservá-lo, só o póde a penna."
— "Assim m'o heis ensinado, e o tenho certo."
— "Dos mais famosos principes o exemplo
Vo-lo dirá melhor. Vêde Alexandre
Chorar de inveja, não pelos triumphos
Do filho de Peleu, mas pelos cantos,
Que o immortal fizerão: vêde Augusto
Premios, favores, honras dispensando
A quem de Roma as glórias celebrava.
Valem mais do que os feitos portuguezes
Os de Gregos, Romanos? Mais victorias,
Mais tropheus, mais virtudes appresenta

Sua fallada historia ? "

— " Não, amigo,
Não ; e eu farei que inda maior se exalte
Pelo universo nosso heroismo, e fama. "
— " Assim appraza aos céos ! "

— " Praz, sim. Ou morte
Honrada, ou glória igual a meus passados
Ganharei eu. "

— " A glória d'um monarcha,
Nem sempre armas a dão. Diniz pacífico,
Joanne, * o Justo..... "

— " Assás m'o tendes dito.
Voltemos ao discurso interrompido. "

De quanto ouvíra ao missionario, expõe-lhe
Breve a importancia; pinta-lhe as vantagens
De obra tal, o renome, que lhe fica,
De protector das lettras ; emfim tudo
Quanto para inflamar o ânimo ardente
Do mancebo real melhor convinha.
— " Ouvi-lo quero (disse o rei) chamae-o
Da minha parte : premio tera digno
Delle, e de mim, se o que dizeis é certo. "

O virtuoso Aleixo alegre corre
Com a resposta ao empenhado amigo,

* D. João II.

Que de taes esperanças enlevado
Por solidões, por grutas, por montanhas
Da fresca Cintra em derredor discorre,
Té que o seu protegido alfim encontra.
Junctos descêrão a escabrosa serra;
E de gratos futuros embalados
A hora apprazada para a audiencia aguardão.

FIM DO CANTO SEXTO.



CANTO SEPTIMO.



.... Vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos.
Em versos divulgado numerosos.
....
E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.
LUS., cant. I, est. 9 *e* 10.

Eu vi sôbre as cumiadas das montanhas
D'Albion suberba as tôrres elevadas
Inda feudaes memorias recordando
Dos Britões semibarbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exílio fui sentar-me
Na barbacan ruinosa dos castellos,
A conversar co'as pedras solitarias,
E a perguntar ás obras da mão do homem
Pelo homem, que as ergueu. Embalde o espirito
Dos romanticos sonhos procurava
Aureas ficções realisar de vates.
Emvão de Scot, e Byron invocava
Os genios mysteriosos, as aerias,
Vagas fórmas da virgem d'alvas roupas, *
Que as tranças d'ouro penteando ao vento,

* Sir Walter Scot, romanc. poet.

Canta as canções dos tempos, que passárão
Ao som da harpa invisivel, que lhe tangem
Os domados espiritos, que a servem,
Como o subtil Uriel, * por invencivel,
Incantado feitiço. — Ou mal ouvido
Foi o invocar do menestrel estranho
Ou triste realidade dissipava
Phantasias de bardos. Nem seteiras
Me bruxuleavão namoradas côres
De bordado talim, serica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora escusa ao cavalleiro,
Que aventuras correr se vai ao oriente,
E a ganhar do infiel a terra sancta.
Nem, d'alem vallos, nos corceis armados
Vi descidas viseiras, peitos d'aço,
Onde se espelha vacillante a lua,
Em quanto aguardão que da ameia soe
Corno do annão, que abata a erguida ponte.
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas á lançada viva
Disputar-se o collar de ouro macisso,
Premio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito inda sanguento pendurado.

Nada!... Só pelos fossos intupidos
Do desfolhar do Outomno, e bronco entulho
De muros derrocados, — sôltas pedras,

* Shakespear theat.

E immunda terra, á vista affiguravão
Insepultos cadaveres, golpeados
Membros inda cobertos d'aço, e ferro
Dos que em contenda injusta perecêrão
Por vaidoso orgulho, ou vão capricho
Do castellão suberbo. Nas ameias
Se me entolhavão horridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo — certo amigo dos tyrannos,
Que regalado o trazem. Tristes victimas
Dos senhoriaes direitos! porventura
Mais crime não tiverão que o desejo
Do imperioso senhor, que a seus vassallos
Quiz de seu cru podêr mostrar a alçada.

Ao pé dessas janellas recortadas,
Onde inda o tempo conservou resquicios
Dos ja pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha á escuridão sombria
De fetidas masmorras inda inteiras,
Mais duradouras que os salões dourados:
Como se a idade, que destruiu palacios,
Memorias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a taes vestigios
De atrocidade, e crimes, — e escrevesse,
Ao passar, com a fouce enferrujada
No lumiar dessas portas — *Escarmento*
Ás gerações por vir. — Doía-me alma
Na solidão das ruinas; e a lembranças

Mais grata me fugia o pensamento,
Para os vergeis da patria esvoaçando.
Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sôbre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla, — que memorias
Não estais recordando saudosas
Dos bons tempos de Lysia! Nem seteiras,
Nem torreões, nem barbacans, nem fossos.
E que havia mister dêsse apparato
Dado a tyrannos, que inimigos vivem
De inimigos cercados? Que soldados
Que mercenarias hostes de Janizaros
Precisava um monarcha lusitano,
Que precedido vai por debeis canas,
Symbolo da brandura, e singeleza
De bom pastor de povos? — Sanctas eras!
Se podesseis voltar, ditosos dias!

Alto o dia, horas oito: ja nos atrios
Girava do palacio a vária turba,
Que a audiencia do rei, ou do valido
— Quantos do mais escuro sevandija,
Que taes mansões infesta? — alli aguardão.
Acovardados uns, esperançosos
Outros se amostrão. Pertendente humilde
Timido se conchega a pobre capa,
Por que não toque as rugedouras sedas
Do curtezão suberbo. Altivo conde
Com gesto protector alli corteja

O artifice coitado, que nem ousa
Recordar-se das dividas antigas
De tammanho senhor, tam dado, e lhano,
Que tal honra lhe faz. O nedeo abbade,
Que engordou nas fadigas evangelicas,
Sem olhar, vai passando, o cura pobre,
A quem escassa congrua tanto abaixo
Na hyerarchia pôs. Que requer este?
Do real padroeiro esmola tenue
Para uma caridosa albergaria,
Que em seu pobre passal instituíra.
E o que pertende aquelle? — O episcopado,
A que tanto direito lhe conferem
Os trabalhos d'um pingue benefício
Disfructado na côrte. — Nesta scena
Tam variada em actores, e interêsses,
Dous novos, que no gesto, e adman bem mostrão
Quanto esteiras do paço os desconhecem, *
Entravão; curioso alvo das vistas
Da turba pertendente. Um velho monge,
Um guerreiro de aspecto altivo, e nobre,
Mas de vaidade alheio. — "Vem da India
A requerer: — não trazem d'outra gente
Estas frotas de Goa." — Abriu-se a porta:
Volvem-se os olhos todos. Qual em delphos
Devotos peregrinos, quando os quicios

* Expressão do elegantissimo D. Franc. Man. de Mello, Guia de cas.

Do mysterioso lumiar se movem,
E o oraculo — terrivel, ou propicio? —
Vai por obscuros carmes explicar-se.

É dom Aleixo: no tropel confuso,
Que se apinha d'entôrno, alguem procura.
Quem será o invejado aventuroso?
O aio real aos dous desconhecidos
Cordeal sauda; e conversando junctos
Poucos momentos, — eis os reposteiros
Dão devido signal; menestreis tangem:
Elrei chega; no throno toma assento.
Breve a audiencia foi; não sobra o tempo
Para as sanctas funcções de magistrado
A militares reis: * ás armas cede
A toga mal pezada. — Audiencia é finda.

REI.

" Dom Aleixo, entre tantos pretendentes
Não veio hoje o vosso protegido."

D. ALEIXO.

" Ei-lo, senhor, o nobre cavalleiro,
De quem ousei fallar-vos."

REI.

" Sim, ouvi-lo

* Alguns exemplos do contrario ha; mas poucos.

Quero, e desejo: não ignoro o preço
Das boas lettras; nem d'um raro engenho
A estima desvalio: em prol da patria
Uns obramos co'a espada, cumpre a outros
Co'a penna honra-la."

CAMOES.

"Se honra a minha penna,
Real senhor, a minha amada patria,
Di-lo-ăo sabedores, e lettrados.
Para servi-la espada, e braço tenho,
Que por si fallarão."

REI.

"Digna resposta
De portuguez: honrado sois, amigo;
Por tal vos tenho, e quero; e abonos vejo
Em vosso rosto que voltar não usa
Da face do inimigo. — É este (Disse
Fallando aos cortezãos) de quantos d'Asia
Ao reino vem, primeiro, que não falla
Em suas cicatrizes."

CAMÕES.

"Bastas erão
Senhor, as de Pacheco, e...."

REI *com aspereza.*

"Eu não ignoro

Os feitos de Pacheco."
Olhos pasmados
De cortezãos no vate se fixárão,
Que tam crua verdade abalançava
Ousado a proferir: algum ja cuida
Que de escuro castello a tôrre o aguarda,
Ou que ao menos — Compondo um tanto o vulto,
Tornou elrei:
— "Iremos, para ouvir-vos,
Da Penha-verde á fresquidão sentar-nos.
Calmoso vai o tempo; e ademais prazem
Dobrado entre a verdura os dons das musas."

Seguem todos o rei; a encosta sobem
Do monte; e pelos bosques, onde o louro
Inda as glórias de Castro está croando,
Inda veceja co'as memorias delle, *
A real companhia vai entrando.

Estavão d'altas arvores á sombra,
De avelludada relva em fresco assento.
Curioso o joven rei attento fixa
O aspecto nobre do cantor guerreiro.
Qual devéras o imita, qual fingido;
Mas todos se compõe a exemplo delle.
O vate começou: sonoro accento,

* Célebre quinta de D. João de Castro, ditta da Penha-verde, em Cintra.

Timido não, mas respeitoso, alonga
Solemnemente o cadencear medido
Do metro numeroso. O heroico assumpto *
Primeiro expõe do canto ; armas, e glória
Dos barões lusitanos, que fundárão
Do oriente o imperio novo, os grandes feitos
De reis, de cidadãos de eterna fama,
Que se hão da lei da morte libertado.
Logo invocando as Tagides formosas,
Por que alto som lhe dem, e sublimado,
Um estylo grandiloquo, e corrente;
" Dae-me — com voz mais elevada clama —
Dae-me uma furia sonora, e grande,
E não de agreste avena, ou rude frauta,
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda,
Um canto igual a meu erguido assumpto,
Se tam sublime preço em verso cabe. "

Depois ao joven rei, segura esp'rança
Da lusitana, antiga liberdade,
Em versos d'amor patrio scintillantes
A ouvir cantar dos feitos portuguezes
Convida; pinta-lhe em vivazes côres
A grandeza do povo, a quem preside,
A lealdade, o valor: virtude, esfôrço

* Lus., canto I.

De seus avós famosos recordando,
Digno exemplar de emulação lhe aponta.

Ja da tuba a Caliope travando,
Em terso stylo, e não de inchada pompa,
Mas — qual fluente, e magestoso rio
Por suas ribas magnífico se espraia —
Tal por seu grande assumpto o vate immenso.

No largo Oceano, em próspera bonança
As atrevidas naus vão navegando.
Dos ceos o alto podêr sublime, e dino,
A conselho as menores potestades
Sôbre tammanha emprêsa convocava.
Cuidas ver la n'um throno de diamante
Sentado o pae dos numes; por seus labios
Fulge o louvor da lusitana gente,
Pasmo, e terror do mundo. E seu proposito
De mor glória lhe dar no ignoto oriente.
De Nysa o vencedor zeloso impugna
A sentença do numen. Quem sustenta
A heroica Lysia? E' Venus, Venus bella
Affeiçoada a um povo, das romanas
Qualidades herdeiro, e cuja lingua
Com pouca corrupção crê que é latina;
Um povo tam zeloso de seu culto,
Tam devoto amador de seus altares.
O fado o decretou; Jove o confirma;
Abrão-se as portas do oriente aos Lusos.

Ja surgindo na treda Moçambique,
Ao fementido mouro pune o Gama
Da perfida malicia. Eis la Mombaça, *
Onde falsos Sinons a ingano o levão,
Cru exicio lhe estava preparando
Por artes do que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães. Tu, Erycina linda,
Que a assignalada gente andas guardando,
Tu do velho Nereu co'as alvas filhas,
Pondo ao duro madeiro o brando peito,
Da cilada os salvaste. — Aqui do vate
O stylo se embrandece, spira o canto
Suavissimos perfumes de Amathunta.
Rosas de Paphos, e jasmins de Gnido
A namorada lyra lhe coroão,
Quando a bella Dione á sexta esphera
Segue enlevado. — Está pelos semblantes
Dos que o escutão debuxado o gôsto,
Que o deleitoso quadro accende n'alma.
O mimo dos pinceis tam delicados,
Não lhe deu natureza, que o não tinha;
Deu-lho amor de seus cofres escondidos,
Que nem a Ticiano tam querido,
Tam gram privado seu jamais abríra.

* Lus., canto II.

Marmores de Praxiteles, esmeros
De Phidias, de Canova, oh! que beldades
Retratais imperfeitas! — Mas que os fados
Vos outorgassem a invejada sorte
Do venturoso Pygmalion obtida;
Quando hade o apuro do cinzel mais destro
Taes mimos igualar? Aquelle gesto,
Que as estrellas, o ceo, e o ar namora,
Aquelle affrontamento do caminho,
Que a belleza lhe aviva? Como as graças,
Os espiritos vivos, que inspiravão
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho?
Ve-la diante do padre soberano,
Como na selva do Ida se amostrára
Ao mui feliz troiano; que se a víra
Tal o que ja por vista menos bella
Vulto hnmano perdeu; nunca seus galgos,
Barbara lei! — o houverão devorado,
Que primeiro desejos o acabárão.

Os crespos fios d'ouro desparzidos
Pelo collo, que a neve escurecia;
Lacteas tetas, que andando lhe tremião,
Com quem amor brincava, e não se via;
As flammas, que lhe saem d'alva petrina,
Desejos, que como eras enrolados
Pelas lisas columnas lhe trepavão;
Quem tal expressará; quem taes bellezas
Na silice, ou painel, ou brandos versos

Pintar ja soube? — Não a viu tam bella
Graças pleitar pelo invejado pomo
O real pastor de Priamo. — Escondidos
Por delgado sendal outros incantos.....
Escondidos só quanto mais accenda
E redobre o desejo, que penetra
O veo dos roxos lyrios pouco avaro.

O omnipotente padre năo resiste
Aos feitiços do angelico semblante,
Áquella doce nuvem de tristeza
Com riso misturada: — Qual a dama
Em amorosos brincos maltrattada
Do incauto amante — que se ri, se aqueixa,
E se mostra entre alegre magoada.
Jove não resistiu — quem tal podéra?
Beijo accendido á súpplica responde.
Propício o fado aos fortes navegantes
De surrir-lhes começa. Ja Melinde
Amigos braços lh'abre: ja do Gama
Os lusitanos feitos recontados
Terra, e costumes são. Pasma o rei barbaro
De ouvir dos povos da suberda Europa
As remotas regiŏes, ignotos nomes.

Segue-se, quasi cume da cabeça *
Da Europa toda, o portuguez imperio,

* Lus., canto III.

Patria do esforço outr'ora, e liberdade.
Diz o pastor, que do ferrado conto
De seu cajado abate aguias romanas:
Henrique, * o mauro jugo despedaçando,
E abrindo com a sua espada triumphante
De Lysia o fundamento. Ao filho illustre **
Cabe glória maior: de c'roas cinco
No Ourique derrubadas nova c'roa
A victoria lhe tece; e as sanctas Quinas,
Por eterno brazão, dos ceos recebe.
De Egas Moniz a lealdade, e a honra
Aqui tambem refere. Olha, os filhinhos
Tenros, e a doce esposa vão descalsos
A offerecer as innocentes vidas
Pela dada palavra. — Mais se estende
Sob o primeiro Sancho o novo reino
Pelos vencidos, torridos Algarves. ***
Vem outro Afonso, **** o vencedor d'Alcacer,
Do mouro pertinaz exicio extremo.
Mas do segundo Sancho a molle inercia,
De privados regida, não tolera
Nação altiva, que outro rei não soffre,
Que não for mais que todos excellente. †
Das impotentes mãos as redeas toma
O conde bolonhez: ‡ á glória volvem

* Conde D. Henrique. ** D. Afonso Henriques. *** Veja nota a este verso, no fim. **** " D. Afonso II. † Verso de Camões. Lus., canto III, est. 93. ‡ D. Afonso III.

As armas portuguezas. Melhor sorte
Coube a Diniz pacífico monarcha,
Que ás conquistas da espada deu cultura,
D'artes ornou, ennobreceu co'as lettras,
E ás formosas campinas do Mondego
Fez do Helicon descer as aureas musas.
Claros lumes da terra, sãos costumes,
Constituições, e leis co' elle florecem.

Mal obediente o valoroso filho,
Domador das suberbas castelhanas,
Do venerando pae empunha o sceptro:
Afonso, * que nos campos de Tarifa
As hostes granadiz prostrou tremendas
Com pequeno podêr. — Viçosos louros
De tammanha, e tam próspera victoria
Caso triste murchou, crueza barbara,
Que á bellissima Ignez deu morte injusta.
O proprio amor, cuja ferina sêde
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
Inda as soidosas margens do Mondego,
Juncto á fonte, que lagrimas formárão,
Verte sôbre elle desusado pranto.
As nações do universo, que escutárão
As endeixas do vate as vão cantando;
E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Ignez repette a lyra.

* D. Afonso IV.

Brandas nymphas do placido Mondego,
Vós, que o doce gemer, que os namorados
Ais do prazer ouvistes pela selva,
Que encubriu tanto amor, tanta ventura
Em tempos de mais dita; que escutastes
Os magoados suspiros de saudade,
Quando ausente d'aquelle, por quem vive,
Só, gemedora rôlla, vai carpindo
A ausencia do seu bem, do seu amado,
E aos montes, ás hervinhas ensinando
O nome que no peito escripto tinha;
Que depois memorando a morte escura,
Longo tempo das urnas crystalinas
Só lagrimas formosas derramastes,
E por memoria em fonte convertidas,
O nomc lhe pusestes, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passárão;
Vós ao vate os segredos recontaste,
Os mysterios d'amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro. — A lyra anceia-lhe,
A voz carpe-se, os sons gemem tam meigos,
Mas tam cortados de uma dor tam viva,
Que é um partir-se o coração de ouvi-los.

Ausente é o sposo: solitaria vaga
Pela varzea de flores recamada,
No pensamento alheado revolvendo
Ledos inganos d'alma, suavissimas
Lembranças do passado, e mais suave,

Lisongeira esperança do futuro.
Oh! quando ella outra vez naquelles braços
O tornar a apertar, quando.... Armas soão
De cavalleiros, e corceis nitrindo
Nos atrios do palacio escuta. — É elle,
O seu Pedro, oh ventura! — "Esposo, esposo...."
Mas pelo ausente esposo o pae responde.
O amante não vem: juiz severo,
Pelos beijos d'amor, lhe traz castigo,
Que não merece amor, nem quando é crime.

C'os filhinhos em vão banhada em pranto
Supplice implora os barbaros. O ferro
Imbebem crus no peito crystalino;
E as vivas rosas, que das faces fogem,
Pela ferida a borbotões se esvaem.
C'os innocentes filhos abraçada
Não geme não suspira; a beijos colhe
Uma a uma, as feições, que tanto ao vivo
As do querido amante lhe retrattão.
Ja pelos labios derradeira foge
A última vida, o último sôpro em osculos,
Todos amor, todos ternura. Os olhos
Ja da formosa luz se extinguem.... Trémula
Inda co'a incerta mão procura os filhos,
Inda affagando imagens do seu Pedro,
Entre os amplexos maternaes — "Esposo
Esposo.... esposo!" balbuciando, espira.

FIM DO CANTO SEPTIMO.



CANTO OITAVO.



Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que permittia a fôrça humana,
Entre gente remota edificárão
Novo reino que tanto sublimárão.
LUS., cant. I, est. 1.

Aqui chegava o canto; houve crestadas,
Guerreiras faces, que enrugou Mavorte,
E onde afflicção, nem dor, nem transe d'alma
Jamais colhêrão lagrima, houve dellas
De involuntarias gottas mal enchutas,
Que ais d'amor, que enthusiasmo de virtude,
Patriotismo, ou glória destilárão
De olhos torvos por centos de batalhas.
Mas d'alma ao rosto vai canal aberto,
Que só intupem vicios, ou fingido
Orgulho do homem vão. Por que te escondes
Na toga consular o austero vulto,
Libertador de Roma? Ja suspensas
As segures estão.... Tam firme peito
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?
Roma é salva.... Mas elles são seus filhos;
E Bruto, o cidadão, tambem é homem.

Louvor ao vate insigne! — Pouco dizem,
Que sentem mais. O joven rei applaude
Com franco enthusiasmo, e entre si pensa:
Um dia offuscarei toda essa glória,
E a mais altas canções darei assumpto.

Trazem no intanto moços de pellote,
Em ricas salvas d'ouro, alto lavradas,
— Pareas de avassallados reis do oriente —
A casquinha gullosa, e delicada,
Da selvosa Madeira arte, e renome,
Luxo de lautas mesas; amplas jarras
De louçan, transparente porçolana,
Raro producto do Chinez longinquo,
— Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reaes copas. — Alli se enchem
Ao limpido jorrar de fresca fonte
Da fria agua de Cintra, e saborosa
Mais que o liquor do Rheno, ou que as sulphureas
Lagrimas de Parthénope. * Tomárão
Refeição leve a nobre companhia,
E o vate proseguiu.
Diz de Fernando †
Os amores adulteros, e o tibio
Froixo govêrno, que indefeso o reino
Deixa ao furor imigo castelhano,

* Lachrymachristi. † Lus., canto III.

E de total destruição em p'rigo:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

Mas do lethargo vil, em que o prostrárão, *
Á voz de Nuno † o Portuguez accorda:
Com palavras mais duras que elegantes
Glória bradou, e liberdade, e patria,
Nomes, que outrora em peitos lusitanos
Erão de chamma electrica scintillas,
Que lhe inflammavão corações briosos.
Embalde o podêr todo de Castella,
Por sustentar Beatriz, feroz se ajuncta.
Joanne ‡ por seu rei levanta o povo;
E o eleito do povo é digno delle.
Não curva a jugo estranho o collo altivo
A nação indomavel, quando livre.

Campos de Aljubarrota, inda em vós soa
O echo da trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso.
Guadiana, tuas aguas, de assustadas,
Vejo-as atrás volver. — Que anjo de morte
E' esse, que discorre d'ala, em ala
Co'a fulminante espada? Jorra o sangue,
Treme a terra debaixo dos pés duros
Dos ardentes cavallos; soa o valle;
Lanças escalão; os broqueis sonoros

* Lus., canto IV. † Nun'alvares Pereira. ‡ D. João I.

Estalando retinem. — "Sanctiago!"
"Sam Jorge! e ávante!" — cada qual rebrama.
"Victoria!" A quem? — Ao Lusitano, a Nuno.
Ja não cabe na Europa o ânimo grande
Dos Portuguezes: treme a Africa adusta;
E a triumphada Ceuta abre suas portas
Aos infantes magnanimos. — Mas cara
Custa a victoria: ves, o novo Regulo,
Que pelo amor da patria está passando
A vida, da senhora, feita escrava:
Fernando espira em tenebrosos carceres;
Vive porém seu nome, e claro brilha,
Para glória da patria, e eterno oppróbrio
De principes covardes, — que hão descido
A ignorado sepulcro em leitos d'ouro.
Glorioso João, foi teu reinado
Alto comêço á lusitana glória,
Que do extremo occidente, a longes terras,
A mundos novos, máres não sabidos
Triumphante correu.— Jamais no mundo
Se viu throno real assim rodear-se
De generosa prole. Não se accoitão
Mollemente na purpura paterna
Os filhos de João, nem se crem grandes,
Em torpe occiosidade vegetando
Á sombra do diadema, que em suas frentes
Descuidadas não pésa — Henrique o grande,
O sabio Henrique, o protector philosopho
Das sciencias, que honrou; Fernando, o sancto

Martyr da patria; Pedro, o virtuoso,
Legislador, e justo; João o austero,
Alma romana em coração de Luso;
Duarte, em fim, pacifico, e piedoso,
Que tam breve reinou. Tenro innocente
Vestiu manto real o quinto Afonso:
Nas virtudes de Pedro achou tutela
Sua idade inexperta. Ingrato, e feio
Caso digno das torres de Bysancio
Vírão de Alfarrobeira infames plainos
Roxos de sangue das civis discordias.
Toda a tua glória, victorioso Afonso,
Esse appellido insigne, que has tomado
Ao destruidor da desleal Carthago,
Nódoa tam negra á fama te não lavão.
Teu nome, e o de teus perfidos valídos
Todo o bom portuguez detesta. — Esconde,
Esconde, Afonso, a purpura sanguenta
Traz a glória immortal, que resplandece
Dentorno ao filho teu. Se ha hi rei justo,
Rei cidadão, monarcha magistrado, *
Rei, que obedeça á lei, que a guarde o povo,
Que o sceptro, vara augusta de justiça,
Equilibre entre grandes e pequenos,
Puna oppressores, opprimidos erga,
Abata o orgulho vão, premeie o merito,
Busque a virtude em sotãos da humildade

* Rei cidadão, rei homem, pae, e amigo. Ferreira.

Para a exaltar sôbre arrasados paços
Do crime ousado, e da suberba inutil;
Rei, que o officio * de rei prehencha, e saiba;
João segundo o foi. Celebrem-te outros
Pelo valor, que Toro inda pregoa,
Por domadas regiões, arados máres,
Por descubertos cabos, — esperanças
De futuras riquezas, e conquistas; —
Eu só coroarei teu sacro busto
Com a civica folha inmarcessivel
Do carvalho mais nobre, e mais glorioso,
Que o louro dos heroes. Sanguineas gottas
Manchão sempre a grinalda das victorias;
E o clamor da viuva, o grito do orphão
Quebra a harmonia dos clarins da fama:
Mas as bençãos d'um povo agradecido
São mellodia de suaves notas,
Que por eras e eras se prolonga
Ás gerações por vir. Um rei como este,
Dae-lhes um rei, como João segundo;
E esquecido o tenaz republicano
De Brutos, e Catões, ajoelha ao sceptro.

Este fez explorar d'aurora os berços
Com baldados trabalhos, — que guardava
Ao feliz Manoel o ceo tal dita.

* Mon métier de roi: diz o grande Frederico, de quem verti ésta expressão.

Então reconta o sonho mysterioso
Do venerando Ganges, do rei Indo,
Que ao ditoso monarcha, ao romper d'alva,
Em visão bemfadada apparecêrão.
Diz a intentada, perigosa emprêsa, *
Que ousou de cometter; trabalhos, riscos
Na longa, e lassa via supportados;
Mossambique, a traidora, castigada
Para escarmento, e pena; e o temeroso,
Namorado gigante em dura terra
Por seus atrevimentos convertido,
E, por dobradas magoas, rodeado
De Thetys formossissima, que amára;
Thetys, que ja cuidou de ter nos braços
Louco d'amores, unica, despida,
Quando se achou c'um arido rochedo
De horrido mato, e de espessura brava.
Emfim chegado com ditoso auspicio
Ás melindanas praias, aqui finda
O illustre Gama a narração pedida.

Ja pazes firma, e alliança amiga **
Com o africano rei; e alfim nos máres
Indicos voga, demandando a terra,
Que desejada ja de tantos fôra. †
Consumou-se a alta emprêsa; aberto é o Ganges

* Lus., cant. V. ** Lus., cant. VI. † Lus., cant. VII.

Aos galeões do Tejo. Em vão comprimem
Na treda Calecut traidores ferros
Ao Gama invicto os denodados pulsos: *
Tudo vence a constancia, e nobre audacia
Do forte capitão. Co'a alegre nova
Do descuberto oriente, â meta austrina,
Outra vez comettendo os duros medos
Do mar incerto, põe a aguda proa.

Agora os sons do canto embrandecidos **
Co'as delicias de Paphos, e Amathunta,
Por namorados bosques, aguas limpidas,
Fresquidões deleitosas vão soando.

Eis ves a filha das ceruleas ondas,
A bella Venus, que repoiso amigo,
Delicioso lhes traz; ilha divina,
Onde quanto espalhou a natureza
Por máres, ceos, e terra em formosura,
Tudo ajunctou alli. Copados bosques,
Coutos d'amena sombra; vecejantes
Relvas, onde o primor de seus matizes
Esmerou Flora, e lhas bordou mais lindas,
Que o proprio leito, onde com doces beijos
Zephyro lhe mitiga o ardor da sesta:
Murmurantes arroios mansamente
Em seu correr de amores conversando

* Lus., cant. VIII. ** Lus., cant. IX.

Co'as dryades do bosque; os rubicundos,
E dourados thesouros de Pomona.
Oh! que scena de languidos prazeres,
Que paraiso de deleite, ó Venus!

Ja do travesso filho asseteadas
As esquivas Nereydas suspirando,
Seguem a bella deusa, que promette
A suspirar tam doce, um doce premio.
Eis chegão, eis de incanto, e maravilha
Absortos pasmão; pela sombra amena
Se embrenhão, caça agreste procurando.
Mas ferida lha tinhas, Erycina,
Menos aspera ja, mais doce, e linda.
Correndo vão após as nymphas bellas,
Que fogem, que se escondem; mas fugindo,
Nem tudo escondem: fogem, mas tam leve
Não corre o lindo pé, que não tropece...
E cahem... Certa amor canta a victoria,
Se lhe cai sôbre a relva o fugitivo.
Oh! que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro que soava!
Que affagos tam suaves!... Breve, e rapido
No seio do prazer se esvai o dia.

Harpa sublime, que n'altura soas
Das cumiadas da glória, harpa, que os hymnos
Fatidicos nos echos alongados
Do porvir ennublado obscura tanges,

Donde só vagos sons confusos coão
Na terra, esperdiçados por vulgares
Orelhas d'homens; harpa mysteriosa!
Clara te ouvia o vate sublimado
Quando as notas propheticas repette
Na remontada lyra. Ouve, essa nympha *
Os porvindouros feitos, e virtudes
De heroes de Lysia no domado oriente
Ao ceo com doce voz está subindo.

Ja voadores lenhos povoando
O vasto oceano, que lhe abríra o Gama,
O senhorio dos frementes máres
Victoriosos occupão. Reis, que ousados
A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,
Do braço provarão, que forte, e duro
Os faz render-se a elle, ou logo á morte.
O grão Pacheco, o lusitano Achilles
No passo Cambalão suberbos Nayres
Do Samorin potente desbarata.
Por vezes sette em aspera batalha
Triumpha em terra, e mar. Eia, as coroas,
Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,
Que á patria volve com despojos cento
A humilhar a teus pes. Que vejo! é essa
A purpura, que o cinge! é esse o templo,
Onde em triumpho o conduzis, ingratos!

* Lus. cant. X.

N'um hospital, de andrajos vis cuberto
Morre Pacheco do seu rei na côrte...

Almeida vem depois c'o nobre filho,
Que do índico oceano as aguas tinge
De sangue imigo, e seu. Atroz vingança
Corre c'o iroso pae: Dabul, Cambaia,
Enseadas de Diu, ei-lo no ferro
Destruidor vos traz excicio, e morte.
Inveja vil de perfidos valídos,
Não é tua esta victima, seus ossos,
Não lh'os possuirás, ingrata patria.
Seu fado negro foi; mas antes elle:
Antes perder a vida ás mãos selvagens
Do rudo cafre na deserta areia,
Que á fome... á fome, e no seu patrio ninho!

Mas oh! que luz tammanha, que abrir sinto!
Luz é de fogo, e das luzentes armas,
Com que Alboquerque vence o altivo Persa.
Rende-te, Ormuz, Gerum, Mascate, e Goa.
Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas
La no gremio da Aurora, onde nasceste;
Em vão embebes venenosas settas
No arco certeiro, e os crizes refalsados
Com peçonhas mortiferas tempéras:
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos ao luso vencedor succumbem.

Medina abominabil, Meca tremem
C'o nome de Soares ; as extremas
Praias de Abassia tremem. Cede a nobre
Ilha de Taprobana : hasteado impera
Luso pendão nas tôrres de Columbo.

Sequeira, os dous Menezes, e tu, forte
Mascarenhas, depois vireis de glória
Colmar, a mais e mais, o patrio nome.
Pelo famoso Heitor, Sampaio vence
Frotas de Diu. Baçaím se entrega
Ao Cunha illustre. Ergue os altos muros
Sousa da insigne Diu : Castro, o forte,
O honrado, o vencedor o triumphante,
Castro os defende. Maior nome em glória,
Em virtude, inteireza, e amor da patria
Jamais pronunciarão homens na terra.

Tagides bellas, que em meu verso humilde
Os echos reflectis da voz divina,
Das immortaes canções, que lhe inspirastes,
Não mais, não mais, que me falece o alento.
Na estenuada lyra os sons se quebrão,
Como suspiros de opprimido peito.
Diga Urania bella aos seus valídos
Que segredos lhe disse das espheras,
Da vastidão dos orbes, do mysterio
Da creação inteira : eu vate humilde,

Que só de longe respeitoso sigo
O divino cantor, não ouso a tanto.

Ja da ilha namorada o Gama invicto
Singrando vem para o seu patrio Tejo;
E o Tejo recebeu do Indo, e Ganges
Preito rendido, e tributario feudo.

FIM DO CANTO OITAVO.

+ +

CANTO NONO.



> Mas quem póde livrar-se perventura
> Dos laços, que amor arma brandamente ?
> *LUS., cant. III, est.* 142.

Naõ sabía em que modo lhe mostrasse
Ao vate sublimado o rei mancebo,
Enthusiasmo, prazer, contentamento,
Que lhe inspirárão as canções divinas.
Louva a escolha do assumpto, a arte ingenhosa,
Que n'um só quadro magestoso, e grande
Todos uniu da portugueza historia
Os memorandos feitos, varões dignos
De eternidade, e fama: louva o stylo
Nobre, e terso, de pompa, ou singeleza,
Qual o pede a materia; o sacro fogo
Do patrio amor, de glória, de heroismo,
Que, d'um por um, nos versos lhe scintilla.
De cortezãos, applaudem c'o monarcha
Alguns; outros sinceros congratulão
O trovador * moderno, que descanta
Na doce lyra o que prefaz co'a espada.

* Veja nota a este verso, no fim.

Trasborda em júbilo a alma generosa
De Menezes honrado. Os dous Gonsalves, *
Peitos vis corações á glória alheios,
Inveja, odio secreto hão concebido
Ao cantor dos Lusiadas: não soffre
Vício, e ignorancia o merito, e virtudes.
Fingem no intanto, que fingir é a arte
Maxima de palacios.

REI.

"Folguei muito,
Folguei de ouvir-vos: nunca tal virtude
Em versos cri para exaltar o ânimo
A esfôrço, e honra. Sinto que me bate
Com mais vigor o coração no peito.
Alma terá pequena, e bem mesquinha
O portuguez, que não mover tal canto."

Assim dizia o rei: caminho vinhão
Dos paços: despediu-se o heroico vate;
E o mancebo real:
— "Voltae a ver-me,
E vos farei mercê como é devido."
Entrou a côrte pelos atrios regios.

Rapido ia o sol no ceo descendo:

* O padre Luiz Gonsalves, e Martim Gonsalves.

O guerreiro cantor volve a embrenhar-se
Pela espessura, e bosques. Não esp'ranças
De melhor sorte, não lisonjas doces
De amor proprio, mais doces quando ouvidas
De labios de monarchas ; não promessas
De merecido premio, — nada agita
O sangue do esforçado navegante.
Se ideias taes despontão, breve as sorve
Remoinho de encontrados pensamentos,
Que do anceado espirito lhe travão.

A mensagem, a carta mysteriosa
Revolve, e as circumstâncias ; as palavras,
Interpetrá-las quer. — Em vão ; não podem
As conjecturas mais : fôrça é do dia
Aguardar impaciente o lento ocaso.

No mais erguido cume da alta serra,
Que disserão da Lua eras antigas,
De fábrica mourisca se alevanta
Castello, hoje em ruinas derrocado.
Escassa ameia ves em pé suster-se
No escalavrado muro. Ja trabucos,
Dos seculos depois vaivem mais duro
Pelas ingremes rocas dispersárão
As pedras, que talhou a mão dos homens
Outrora dessas rocas, para alça-las
Em torreões de morte : — impia fádiga,
Trabalho improbo, e duro! A aza do tempo

Voando passa, e varre a obra do homem
De sôbre a face da esquecida terra.

Desmantelado jaz da guerra o templo;
Outro se ergueu de paz: n'um canto, ainda
Sólido, da muralha fabricára
Solitario habitante dêsses ermos
Mansão tranquilla, e só. Musgosas plantas
Crescem nas fisgas do cimento antigo:
Tapeçaria de heras verdejantes
Fórra a cortina da parede bronca,
E em cahidos festões se balancea
Sôbre a entrada do lobrego retiro.

Tradição é que nomeado vate,
D'alta beldade mysterioso amante,
Entre as fragas erguêra a mansão triste,
Onde cevou de tristes pensamentos
O coração cortado de saudades.
Saudade pelas pedras entalhada
Se lia em characteres bem distinctos;
E o nome de *Isabel*, tambem gravado
Na silice do monte, lhe responde,
Como echo das endeixas namoradas
Do cantor da soidão. — Não é fexado
Perfeito ainda o círculo completo
D'um sec'lo inteiro, que sentado vírão
O genio da montanha, alvas trajando
Roupas de nuvem, dar ouvido attento

Ás canções magoadas, e suavissimas
De Bernardim saudoso, e namorado. *
Bernardim, que das musas lusitanas
Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,
Comque — em seu mal — romantico alaúde
Engrinaldou para cantar amores
Doces d'alta princeza, — inda mais doces
Favores, que indiscretos revelárão
Estasis d'alma em derretidos cantos.
Fragueiros inda vivem, que de ve-lo
Se accordão pela noute andar vagando
Por os picos da serra no mais alto,
Ora ternas caricias dando ao vento,
Ora imprecando com furor as rocas,
E a miudo suavissimas cantigas
De apaixonado assumpto modulando.

Subito um dia, de bordão na dextra,
Na opa de peregrino disfarçado
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romaria aos Alpes
Parte, a levar o coração votado
A quem talvez, na purpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.
Ve-lo-á, o objecto de suspiros tantos,
De saudade tam longa, da romage
Devota; mas só ve-lo, — e adeus eterno,

* Bernardim Ribeiro. Veja nota a este verso, no fim.

E para sempre adeus.... Crueis lhe vedão
Mais que esse adeus. Voltou á patria, e morre.

Este foi da poisada solitaria
O fundador, e unico vivente,
Que desde então as frias cumiadas,
E ruinas habitou da antiga tôrre.
Este era o sítio, que apprazava a carta
De incognita mensagem ao guerreiro.

Alfim no Oceano se mergulha a lampada
Do firmamento maxima. Descia,
Como um veo, a nebrina sôbre a serra;
Ja lhe toucava a frente, e ia ligeira
Pela espalda, insensivel devolvendo,
Té lhe poisar as orlas na planicie.
No meditar profundo embevecido
O guerreiro, que aguarda, ha muito, a hora
Lenta da noute, não deu fe da névoa,
Que humida todo em derredor o fexa.
Despertou-o a frieza inesperada,
Que no alto das montanhas vem co'a noute.
Como no seio involto de uma nuvem
Mysteriosa se cuida; olha d'entôrno,
Nada ve; tudo encobre a nevoa espessa.
Nada ve; mas distincta uma voz ouve.

" Cumprido é o sonho, mas quebrado o incanto:
Ainda a viste, — unica vez na terra;

Nunca mais a verás. O veo, qu'é delle?
E a trança, que ao sepulcro sonegada,
Prenda foi de ternura?"
— "Ei-la commigo;
Sempre commigo. Restitui-la á campa,
Quando á campa descer, a mim só cabe.
Mas quem de meus segredos sabe tanto?
Quem d'amor os mysterios, e os da morte
Penetra assim? Do número dos vivos
És tu; ou do moimento ha suscitado
Podêr fatal a cinzas dos finados
Para me interrogar?"
— "Vivo eu, sou vivo:
Conhece-me, sou eu, teu inimigo.
Teu inimigo hei sido; e eterna a vida,
Se crus, para tormento, os ceos m'a dessem,
Toda a odiar-te, inteira a aborrecer-te
Pouca sería. Tu só m'a roubaste,
Tu de seu coração possuiste a joia:
Roubaste, que, sem ti, meu certo fôra.
Em vida te adorou; na morte.... A morte,
Quem, senão tu, á ingrata lhe ha causado?
Saudades a privárão da existencia.
Consola-me que aomenos não gosaste
Tanto amor, tanta fe, tanta belleza,
Que não mer'cias, não. Se digno della
Houve mortal; a mim, que não a um....
— "Conde....!"
Bradou convulso, e a mão ao ferro leva

O insoffrido guerreiro. Mas tranquillo
O rival lhe tornou. — "Sois offendido?
Desaffrontae-vos; ferro, e braço tendes.
Nem vos fujo eu: porêm a minha espada
Ja mais demandará um peito, que ella...
Sim, que ella amou. Transviou-me a paixão d'alma.
Bebêra o sangue, que essas veias gira,
Que nesse coração bate co'a vida:
Mas veda-o juramento sacrosancto;
Guarda-lo-ei. — Maior é o sacrificio,
Que prometti, maior."
Tira um retrato
Do seio: olhos sanguineos, arrasados
De despeitosas lagrimas, cravava
Na pintura; — com impeto os affasta
Logo, e diz:
"Cumprirei o que hei jurado.
Houve-o de suas mãos este depósito
Nas derradeiras horas: confiada
A um rival generoso foi a extrema
Vontade sua: fôrça é dar-lhe inteira
Execução, qual á minha honra cumpre.
Ei-lo aqui, o legado precioso:
Pela mão do inimigo amor t'o entrega."

Commovido do íntimo do peito,
Magoada vista punha no retrato,
O guerreiro, em cuja alma combatião
Paixões tam desvairadas, tam confusos

Sentimentos, e affectos, que expressa-los
Não saberia o coração, que os sente.

— " Prenda cruel d'amor, dadiva infausta...
Antes querida!... " Aqui parou cortado,
Co'as ideias, o fio das palavras.
Mas continuou depois: —
" Forçais-me, conde,
Mais que a admirar-vos: o odio, que me tendes,
Generoso rival, não me é possivel
Abrir-lhe o peito, não. Odiae-me embora,
Que vos amarei eu, maugrado vosso.
O retrato... Oh! jamais não será ditto
Que em pontos de honra, e generoso brio
Fique Luiz de Camões de outrem vencido.
Guardae-o vós, senhor, guardae-o; é vosso:
A um inimigo tal amor o cede. "

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavão
Os dous rivaes briosos, que alta próva
Assim do nobre peito heroica davão
Em magnanimo duello de virtude.
No rosto ao conde as rugas se alisavão,
Que ciosos rancores lhe frangêrão;
E bem se via que os jurados odios
Ao generoso feito se rendião:
Luctárão todavia; mas victoria
Em peito bem nascido ha sempre o brio.

— "Vencestes, cavalleiro; as armas ponho
Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será. Meu repto é nullo;
Por vencido me dou em leal batalha;
De mim disponde."
Avaliar o preço
De taes momentos, corações só podem
Grandes, como esses dous tinhão no seio.
O guerreiro estendeu os braços. — Cai-lhe
Nos braços o brioso antagonista.
Palavras não disserão: onde ha lingua
Com proprios termos para instantes dêsses?

Como inimigos forão, são amigos.
Junctos chorárão; junctos, esse objecto,
Que em vida os desuniu, na morte carpem.
Separárão-se alfim. — "Não deis ouvidos"
Disse o conde ao guerreiro, á despedida:
"A louvainhas tredas de palacios,
E a promessas da côrte. Hoje estivestes
Com elrei; grande fama heis alcançado
E favor do monarcha: mas dobradas
Serão as malquerenças d'inimigos,
Os odios da ignorancia, e vis colluios
Da inveja negra, e má. Por dom Aleixo
Entrast' a elrei; — mal acertada porta.
Contae c'o desfavor dos dous preversos
Irmãos, que nos governão. Por honrado

Vos terão e virtuoso : abonos tendes
Em qualidades taes para seu odio. "

Proximo o dia não tardou no oriente :
Volve ao paço o guerreiro. Era partida
Para Lisboa a côrte. Na poisada
Cuidoso da delonga o missionario
Com ancia o aguardava : ambos caminho
Da lusitana capital se forão.

Corrêra a fama do louvor, do preço,
Que dera o rei ao sublimado canto.
Prompto se offrece quem germanas artes *
A dar-lhe vida, e propagá-lo empregue.
Doutos, e indoutos com geral applauso
Vírão do novo Homero o canto insigne,
Que á patria glória monumento augusto,
Sublime erguia. Soa o brado ingente
Ja pela Europa , e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.

* Imprensa.

FIM DO CANTO NONO.

CANTO DECIMO.



Que exemplos a futuros escriptores !
LUS., *cant. VII*, *est.* 82.

O Tejo o ouvio no algoso de suas grutas,
E em despeitoso brado lhe responde.
Gemem as nymphas, que o lidado canto
Inspirado lhe havião ; e em suas telas
Com tristes, negras côres debuxárão
A injúria, o crime, a ingratidão tam feia,
Que indelevel nos fastos portuguezes
E' mancha horrenda, e vil....

Arqueija exangue,
Definha á mingua, só, desemparado
Dos amigos, do rei, da patria indigna,
O cantor dos Lusiadas. — Ah ! como !
Qu'é das gratas promessas do monarcha ?
Qu'é de tanta esperança lisongeira ?
Perfidia baixa, e crua, onde has pousado ?
No coração da inveja, e da ignorancia,

Do fanatismo barbaro. Soárão
Tremendos, nos ouvidos criminosos
De dous irmãos * hypocritas, e astutos,
Os livres sons do nobre patriotismo,
Com que a treda impostura d'impios bonzos, †
E a tyrannia infame de valídos
O guerreiro cantor asseteára.
Nas cavernas do peito refalsado
Odio cego lh' entrou ; os beiços roxos,
Aridos com a sêde da vingança,
Mordem convulsos. Nunca tam terrivel,
Nua a verdade lhe mostrou seus crimes,
Como na bôca dêsse vate ousado.

Vingar-se é fôrça ; mas vingança horrivel,
De monstro concebêrão. "Sem amigos,
Sem protectores, pobre, sem arrimo
Á indigencia, á miseria ahi succumba,
E de sua ousadia o crime expie."
Assim no coração lhes falla o odio ;
E o cumprírão assim. No honrado Aleixo,
E no bom missionario a meditada
Vingança começou. — Todo no appreste
Da jornada fatal andava o ânimo
Do malfadado moço, que em sua colera

* Os dous irmãos ja mencionados Luiz, e Martim Gonsalves.
† Jesuitas : veja Lus., canto IX. est. 27 a 29, e canto X. est. 150.

Rei dera o ceo ao povo lusitano.
Só armas cura, só victorias sonha;
Geme intanto a nação, quasi presaga
Do desastre, que a aguarda. Em Cintra fòra
Resolvida afinal prompta partida,
Que o monarcha impaciente appressurava.

De tal resolução ignaro o vate
A Lisboa chegára; o paço busca;
Ninguem o attende: o virtuoso Aleixo
Procura; no palacio ja não vive:
Tam livre sustentou, tam nobre, e firme
Seu parecer contra a jornada infausta,
Que irado Sebastião de si o aparta;
E triumphando da virtude a intriga,
Por traidor, e revel, ao cego joven
Seus imigos infames o affigurão.
Triste deixou as casas venerandas
De seus reis, onde quasi um sec'lo o víra,
Não coitar-se na purpura, mas dar-lhe
Mais brilho, e honra com leaes virtudes.

Ao guerreiro cantor foi ésta nova
Triste preságio, córte d'esperanças.
Corre andiencias em vão; — vazio é o throno:
Frio ministro em nome do monarcha
Ouve indiff'rente as súpplicas do povo.
Entre a ignorada turba é confundido
De tristes, desprezados pretendentes

O divino Camões......
Intanto as velas
Ja pelo Tejo undivago branqueião;
As phalanges de intrepidos guerreiros
Cobrem suas longas praias. Lamentando
Estão d'entôrno as mães, ternas esposas,
Os filhinhos nos braços amostrando
Aos paes, que o gesto angustiado voltão
Para os não ver, que se lhes parte alma.
Mas quem são esses dous, que ahi sôbre a praia
Tam estreitos se abração? Correm lagrimas
Por olhos, que a vertê-las não costumão;
Em peitos se reprime o adeus sentido;
Peitos, que o não contêm.
— "Adeus!.... A vida
É mais difficil, filho, do que a morte,
Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,
Que sois christão: perdoae...."
— "Perdoar eu!... Nunca.
Malvados, que me roubão tal amigo!
Unico amparo só que me restava;
Que d'envolta co'a patria, co'as esp'ranças
D'um povo inteiro, a vil sepulcro o levão!
Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
Accento de meus labios moribundos
Será de maldição sôbre essas frentes
Carregadas de crimes."
— "Perdoae-lhe,
Perdoae-lhe: a affronta propria é juiz suspeito."

— "A minha affronta, oh! essa, eu lha perdoo
Mas a da patria...."
— "Adeus, adeus!"
Chegava
Elrei então; signal de partir soa:
E o vate, e o missionario assim findárão
Sua triste despedida; — que mandado
Accompanhar a armada o monge fôra
Repentino, essa noute. O tredo fio
Descubríra o cantor da vil intriga;
Mas o paciente filho do Evangelho
Resignado se inclina á Providência,
E seus decretos humilhado adora.

Fôra em effeito o odio dos valídos *
Que ao infeliz Camões arrebatára
Protectores, e amigos. Desterrado
Por elles o virtuoso, e nobre Aleixo,
Por elles enviado á certa ruina,
Que ao malfadado rei, á flor do exército,
Á patria nas areias escavárão
De Africa adusta, o missionario fôra.
Ja se movem as naus; e as altas pontes
Se erição de belligeras phalanges.
Redobra o pranto.— Anchora sobe; antenas
Se espandem.... La te vas, e para sempre!

* O padre Luiz Gonsalves, e Martim Gonsalves. Veja nota a este verso, no fim.

Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade, e glória.

" Que me resta j'agora ? " os olhos longos
Para a frota, que perde no horizonte,
Comsigo o vate diz : " O que me resta
Sôbre a terra dos vivos ? Um amigo,
Um amigo, neste arido deserto
Da vida, me falece. Um bordão unico,
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O número está cheio
De meus dias contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro, e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação, que por mim seja ?
Posso dizer...." — Gemido, que ouve perto,
O interrompeu. Era o seu Jáo, que afflicto
O escutava. Do humilde, e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvi-lo assim queixar." Ah ! se eu não fôra
(Com os olhos, e as lagrimas dizia ;
Com os olhos, que labios o não ousão)
" Ah ! se eu não fôra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe ! "

Tu, generoso amo, lhe intendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrimas.
— " Tens razão ; injustiça é grande a minha:

— Inda tenho um amigo.''
Pausa longa
Seguiu éstas palavras, que no peito
Ao generoso Antonio desaffogão
O coração, que lhe apertava a mágoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto.
E o amo, a quem signaes de tanto affecto
Movem no íntimo d'alma, sente um golpe
De balsamo cahir-lhe sôbre as chagas
Do coração lanhado: a dextra languida
Poisa no hombro fiel, o peito encosta
Sôbre o peito leal do amigo.... — Amigo
Direi; amigo sim: peija-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado a escravos?
E que és tú mais? — Era de ver, e digno
Espectaculo, aonde se cravassem
Os olhos todos dessa raça abjecta,
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, onde toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a fôrça d'ânimo,
C'um andrajoso, humilde, e pobre escravo
Em atitude tal. Ríra-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorára.

— "Oh meu amigo, oh meu Antonio" — disse
No remendado seio a face altiva
Escodendo o guerreiro — "Oh! ésta noute
Aonde, em que poisada a passaremos?

— " Meu bom senhor, um gasalhado tenho *
Achado ja ; que bem vi eu não ieis
Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,
De vós não é ; mas sabeis...."
— " Sei, amigo,
Que só tu, neste misero universo,
— E o sepulcro tambem — alfim me restas."

Junctos á margem vão do Tejo andando
A lento passo. A noute era formosa,
Clara, e brilhante a lua. Oh ! que memorias
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sítio
Não suscitão amargas? Perto passa
Daquella gelosia, aquella mesma, **
D'onde os doces pinhôres, d'onde a carta
Recebêra fatal. Quam demudada,
Quam differente está, do que a ja víra,
Essa praia tam placida, e saudosa!
Um platano frondoso, que hi crescia,
Em cujo liso tronco tantas vezes
Se encostou, aguardando a hora tardia,
(Praso dado d'amor, que é tardo sempre)
Cuja sombra em luar, pouco propício
A amantes, o occultou de agudas vistas
De curiosos-profanos, e inimigos ;

* Não me atrevi a metter Camões no hospital. ** Veja canto IV, no princípio.

Ai! sêcca jaz em terra, e despojada
De viço, e folhas a árvore querida,
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
Menos a saudade, que o consume.

Sua pobre habitação os dous entrárão;
E tristes horas, dias, meses passão
Arrastados, e longos, — qual o tempo
Para infelizes anda, — sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos. — Mas a mão tremente,
Encarquilhada, e sêcca ja sobre elles
Ia estendendo a pallida indigencia;
E a fome.... a fome alfim. — Clamor pequeno,
Que de minhas endeixas tenue soa,
Se juncte aos brados das canções eternas,
Com que o teu nome, generoso Antonio,
Ja pelo mundo engrandecido echoa.
Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
Da noute, de vergonhas coitadora,
De porta em porta timido esmolando
Os chorados seitis, com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Éstas do estranho bardo * memorandas,
Injuriosas palavras, para sempre

* M. Raynouard, na sua ode a Camões.

Em castigo, e escarmento, conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

Não póde mais o coração co'a vida;
E lenta a morte c'o infezado sangue
Caminho vem do peito. O espaço mede,
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu.... Ahi jaz o tumulo.
Chegado é pois o dia do descanso!
Bem vinda sejas hora de repoiso.
Com a trémula mão tenteia as chordas
Daquella lyra, onde troou a glória,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a patria ...— Oh! e que patria os ceos lhe derão!
Off'rendas recebeu de hymnos celestes;
Pela última vez as chordas fere,
E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento enfraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

" Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho....
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voárão por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me engeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;

Sou filho teu : meus ossos cobre aomenos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

" Vivi : que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura ? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem peijo os olhos de volver me é dado.
E tranquillo direi : *vivi* ; — tranquillo
Direi : *morro*. Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado ? Não : contínuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado impio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes heide encostar-me....

" Ja me sinto ao lumiar da eternidade :
Veo, que ennubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça : rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir.... — Oh ! qual te has feito,
Misero Portugal ! — oh ! qual te vejo,
Infeliz patria ! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos máres !.... Que tyrannos
As aguas passão do Guadiana ? * A morte,
A escravidão lhes traz ferros, e sangue....
Para quem ? Para ti, mesquinha Lysia.
Que naus são essas, que ufanosas surcão
Pelo esteiro do Gama ? Pendões barbaros †

* O cativeiro castelhano dos 60 annos. † Hollandezes, etc.

Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas popas descubrir as Quinas.
Em vão; da hastea da lança escalavrada
Roto o estandarte cai dos Portuguezes.

"Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da glória lusitana.... Uma faisca,
Esquecida a tyrannos, la scintilla: *
Mas quam dedil que vens, sôpro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, inferma
Só te ergues dêsse leito de miseria
Para cahir, desfalecer de novo.

"Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que máres? Ja teu nome ignora
Neptuno, que tremeu de outrora ouvi-lo.
Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua glória? Nem herdeiro
De teu renome?.... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amasonas, o legado
De honra, de fama, e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peijai-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cahir de todo,
Ingratos filhos, á memoria antiga
Não guardareis do patrio, honrado nome?

* Restauração de 1640.

Oh patria! oh minha patria!..."
A voz, que affroxa
Interrompêrão sons desconhecidos
De voz de estranho, que na estancia humilde
Entra do vate. — "Perdoae, se ousado
Entrei, senhor; mas...."
— "Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo, que a poisada obscura
D'um moribundo saiba?"
— "Cavalleiro,
Desde o alvor da manhan que vos procuro:
Da Africa hoje cheguei...."
— "Ah! perdoae-me.
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis?"
— "Tristes novas, cavalleiro.
Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,
Sabereis tudo." —
Ao vate a carta entrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso, e triste,
Mas resignado, e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De alívio, e de esperança.— "Extincto é tudo
Nesta mansão de lagrimas, e dores;
(As letras dizem) tudo; mas a patria
Da eternidade, só a perde o impio.
Deus, e a virtude restão: consolae-vos...."

"Oh ! consolar-me... (exclama, e das mãos trémulas
A epistola fatal lhe cai) Perdido
É tudo pois !...." No peito a voz lhe fica ;
E de tammanho golpe amortecido
Inclina a frente, e como se passára,
Fexa languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se approxima
Do leito.... Ai ! tarde vens, auxílio do homem.
Os olhos turvos para o ceo levanta ;
E ja no arranco extremo : — " *Patria, ao menos,*
Junctos morremos.... E expiron co'a patria.

Onde jaz, Portuguezes, o moimento,
Que do immortal cantor as cinzas guarda ?
Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulcro sequer.... Raça d'ingratos !
Nem isso ! nem um tumulo, uma pedra,
Uma lettra singela ! — A vós meu canto,
Canto de indignação, último accento,
Que jamais sahirá da lyra minha,
A vós, ó povos do universo, o envio.
Ergo-me a delatar tammanho crime,
E eterna a voz me gelará nos labios.
Lyra da minha patria, onde hei cantado
O lusitano — envilecido — nome,
Antes que neste escolho, em praia estranha,
Quebrada te abandone, este só brado
Alevanta final, e derradeiro :
Nem o humilde logar, onde repoisão
As cinzas de Camões, conhece o Luso.

FIM.

NOTAS.

NOTAS.



AO CANTO PRIMEIRO.

Nota A.

Saudade,
Mavioso nome, que tam meigo soas..... *pag.* 1.

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo, e delicado termo de nossa lingua. A ideia, ou sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei eu de outra nenhuma linguagem senão da portugueza. A isto allude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado

Das orgulhosas bôcas dos sycambros.

O que particularmente se deve intender dos Francezes, gente orgulhosa, e presumidissima de sua lingua tam pobre, tam mesquinha, tam apoucada. Que a denominação de Sycambros cabe justa a estes povos, bom testimunho é Boileau, que em um de seus opusculos latinos disse de si proprio:

Me natum de patre sycambro.

A causa natural dêste orgulho francez, a respeito de seu idioma, é a universalidade, que elle por toda a Europa obteve: por aqui tambem se explica o mui pouco, ou quasi nenhum estudo, que elles dos alheios fazem. Mas inexplicavel é, em verdade, o tom magistral, e *tranchant*, com que dos autores, e litteraturas estrangeiras ajuizão, e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor sylaba dos originaes.

*

Deixando outros de menor monta, e nota; Voltaire, que todavia sabía o seu pouco de Inglez, e em Inglaterra havia demorado, diz blasphemias quasi incriveis quando se mette a traduzir as sublimidades de Milton, ou as originaes, e energicas, altivezas de Shackespear. Iguaes barbaridades commetteu, pretendendo revelar os mysterios de Dante, e outros italianos. E que injustiças não fez elle no nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de Portuguez saber nem uma lettra, e conhecendo sómente dos Lusiadas o poucachinho que era possivel ver pelo infiel, e baço reflexo de uma traducção má, e em prosa ingleza; lingua que pouco mais sabía.

Levou-me a penna mais longe do que eu queria a fallar da vaidade franceza, que sempre me foi insupportavel. De *saudade* quizera eu dizer mais alguma cousa. — Saudade, palavra, cuido eu que vem por derivação obliqua do latino *solitudo*. Obliqua digo, porque *direitamente* derivárão os nossos de *solitudo*, solidão, soidão, e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que por ésta synthese (ou pela analyse, que é óbvia) se vem a intender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é — os sentimentos, ou pensamentos da soledade, ou solidão, ou soidão; o desejo melancolico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos por quem suspira, amigos, amante, paes, filhos, etc. — E tanto por saudade se deve intender *este desejo do ausente, e solitario*, que os Latinos, á mingua de mais proprio termo, o expressavão pelo seu *desiderium:*

Quis *desiderio* sit pudor aut modus
Tam chari capitis? —

Ja daqui mesmo se ve a insufficiencia do termo *desiderium* para vivamente pintar a ideia do poeta; mas para melhor se ver a falta absoluta, que de tal vocabulo padecem as outras linguas, basta comparar as versões, que desta sublime ode de Horacio fizerão os diversos traductores.

Nenhum livro aqui tenho de meu, nem onde refrescar memorias do que li, nem para adquiri-las do que não sei: por isso, e por que não tenho a feliz reminiscencia de Manoel Maria, nem o memorião do padre Macedo, não posso citar o que n'outro tempo observei nos logares paralellos de Francis, e Daru, os dous mais nomeados traductores do lyrico romano. Tambem me não lembra se o nosso Filinto — que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor intendeu, e profundou Horacio, como aquelle que melhor o imitou — verteu ésta ode, e como a verteu. Parece-me que A. R. dos Sanctos usou do termo saudade na sua — fôrça é dizê-lo — insipida versão. Mas o certo é que das linguas, que sei, em nenhuma conheço palavra, com que se a ideia, e expressão (com quanto insufficiente á ideia) de Haracio possa trasladar, se não for a saudade portugueza, que lhe é superior. *O regret* dos Francezes, alem de differente cousa, mais para a angústia do remorso, ou para o pesadume da amargura, que para a suavissima pena, terno, e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E ainda quê, segundo a observação de Girard, *regretter*, para distincção de *plaindre*, se diga das cousas ausentes; todavia nos mesmos Synonimos de Girard se verá quanto accérto em arredar-lhe a significação para longe da nossa saudade.

Quizera eu tambem ver como se traduziria, a não ser em Portuguez, aquelle tam bello, e delicadissimamente voluptuoso pensamento de Catullo, ao pardalsinho da sua Lesbia:

Quum *desiderio* meo nitenti,
Nescio quid carum lubet jocari,
Et solatiollum sui doloris.

. . . .

Quando *saudades* minhas a angustião,
E acha não sei que gôso no folguedo,
Pequeno alívio para a dor que a punge.

*

Nota B.

Que pardas rôllas gemedoras tirão.... *pag*. 2.

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar, e deificar assim affectos d'alma. Antiquissimo deus é o amor, a amizade, ainda a íra, a tristeza, a alegria; porque o não será tambem saudade? Beatifico-a eu, que neste caso me tenho por tam bom p-pa, como os meus predecessores, e principalmente gregos,

Que aviavão divindades,
Qual nós paternidades. — (*F. Elys.*)

Montárão de pavões o carro da suberba Juno, de borbuletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Venus; quem puchará o da terna Saudade, se não forem as meigas, constantes, e gemedoras rôllas?

Nota C.

Livres corramos sôbre as ondas livres.... *pag*. 3.

Assim lord Byron no principio de seu inimitavel poema, o Corsario:

O'er the glad waters of the dare blue sea
Our thougths as umbounded as our souls are free.

Nota D.

Vivem á sombra d'arvore sagrada
De abençoada independencia a vida... *pag*. 3.

Viver a vida não é redundancia viciosa, mas elegante figura de nossa linguagem. Entre muitos exemplos dos me-

lhores classicos, especialmente me lembra este do castissimo Ferreira, na Castro :

Que vida felicissima a que vive
O pobre lavrador !.... —

Nota E.

O extremo promontorio,
Que dos montes de Cynthia se projecta... *pag*. 5.

A roca, ou cabo-da-roca, ponta extrema da serra de Cintra, a que os antigos chamárão serra da lua. Veja D. N. do Leão, descrip. de Portug.

Nota F.

Gesto, onde o sòm da bellicosa tuba
Jamais a côr mudou... *pag*. 5.

Inverti naquelles versos a ideia de Camões :

Mas de tuba sonora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda ;

não no contrário sentido, mas em outro differente. Camões falla do tremendo som do clarim, no principio da batalha, que muda a côr do rôsto aos combatentes ; eu quiz expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano, a quem ja nem esse tremendo som póde fazer enfiar.

Nota G.

Ás feições nobres do gentil guerreiro. *pag*. 6.

Não era Camões um homem formoso, mas gentil, e nobre de feições, a não mentirem as descripções dos biografos,

e o retrato de Severim de Faria. Alem disso a palavra gentil nem sempre se refere ás qualidades do corpo e semblante. Os inglezes ainda hoje a usão para expressar attributos moraes; e entre nós, só de modernos tempos tem ella outra significação. Gentil homem não quer dizer homem bello; *gentileza de uma acção, gentileza de proceder,* claro não são expressões, que tenhão nada com o corpo, ou suas perfeições

Nota H.

Ja na terra,
Que a ôlho se avizinha..., etc. *pag.* 6.

Estes versos não podem ser intelligiveis para quem nunca embarcasse; nem, se nelles ha alguma verdade de pintura, lha poderá achar quem ignora o prazer inexplicavel, que sentem olhos cansados da monotonia dos ceos, e das aguas, quando ao cabo de longa viagem, se repoisão pela primeira, vez no delicioso espectaculo da terra, que pouco a pouco se avizinha.

Nota I.

"Piloto!" gritão, e a um signal de bórdo... *pag.* 7.

É de ver no riquissimo poema de Byron, o Child Harold, a descripção da entrada de Lisboa, etc. O leitor portuguez encontrará ahi cousa, que não é muito para lisonjear o amor proprio nacional; mas tenha paciencia, que assim não é muito grande a injustiça do nobre lord.

Nota K.

Do homem, que é mau do berço á sepultura. *pag.* 9.

Não quiz, certo, ennunciar a doutrina dos Hobesianos, que não sou tam mysanthropo, como isso; nem creio eu que

os homens sejão maus por natureza. Maus são, e por maus os tenho : mas fructo de habitos ruins, e depravação, que os degenerou ; não que das mãos do Creador sahissem as bêstas ferozes, traidoras, refalsadas, e vis, que cobrem a superficie da terra.

Nota. L.

"Áfé que não": gritou c'o accento austéro. *pag*. 9.

Bofé, e Áfé são interjeições portuguezissimas ambas, que valem : *por certo, por vida minha ;* e são abreviatura de : *á fé de quem sou.* — Bofé póde acaso ser taxado de antiquada, e não o usarei eu em escriptura séria ; mas áfé, não.

Nota M.

Intervir na disputa mal ferida... *pag*. 11.

O adverbio *mal,* quando anteposto a *ferido,* em legitimo Portuguez, augmenta, que não diminue a fôrça do participio. Um homem *mal-ferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural ; amiudo se toma em sentido translato ; pois dizem nossos bons escriptores : batalha mal ferida, por batalha mui travada, e renhida, etc.

Nota N.

Rico de affrontamentos, e trabalhos.... *pag*. 12.

O affrontamento é o effeito do nimío trabalho ; e o trabalho a causa do affrontamento, ou cansasso. Nisto se distinguem : porêm advirta-se que o uso vulgar de affronta, e derivados, por *injúria,* insulto, ou pena, e afflicção, que dellas

resulta, é um sentido figurado, e translato, que não o proprio da palavra. Um homem affrontado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e tambem afflicto de qualquer agravo. Mas *affrontamento* sempre se toma na accepção natural; *affrontoso*, ao contrário, nunca vem no discurso, senão no sentido de grandemente injurioso, deshonrador, e infamante. Morte affrontosa, castigo affrontoso, disserão os nossos auctores.

Nota O.

Vinha do longe oriente á occidua praia. *pag.* 12.

Longe, adjectivo, por longinquo, e não adverbio. —

Nota P.

E o meu logar lhe cederei com gôsto. *pag.* 14.

Está-me a bailar nos bicos da penna, que fôrça é sacudi-lo, aquelle versinho de Fillinto:

Que o fizesse alguem hoje!

Nota Q.

Poucos pardaus contem — menos me ficão. *pag.* 15.

Moeda da India, que o commércio, e conquista fez corrente em Portugal, e que de companhia com outros *mimos indianos*,

Vierão fazer-lhe os damnos,
Que Capua fez a Annibál.

O bom Sa-Miranda, que ja disto se queixava naquelles versos, em outra parte dá testimunho da muita abundancia, com

que ésta moeda circulava no reino, e até pelas mais certaneijas commarcas :

> Eu ja vi correr pardaus
> Por Cabeceiras de Basto....

Nota R.

Quando no berço teu, bardo sublime. *pag*. 16.

Em Warwickshire, patria de Shackespear, que na cidade de Warwick nasceu, passei eu á vólta de seis meses, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e por ventura os mais felizes da minha vida. Seja-me permittido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima, e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel, e *inglesa*, em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira, e desinteressada amizade. Se algum dia chegarem éstas insignificantes folhas, á abençoada e tranquilla pousada de Edgbaston, conheção os meus amigos H — ys que não ha um só pensamento no meu espirito, em que se não misture sua memoria, mais sagrada para mim que a de todos os vinculos, que se dizem formados pela natureza....

Nota S.

E ess'outro?–Deu-lhe o ser matrona do Ebro *pag*. 20.

A ideia dêste missionario castelhano não é inteiramente de invenção, antes tem um fundamento historico, e mui plausivel. Veja o que a este respeito diz o Sr. D. J.-M. de Souza na sua edição dos Lus. quando falla de um Fray Josep Indio, proprietario, que foi, do famoso exemplar de lord Holland.

AO CANTO SEGUNDO.

Nota A.

Que agudos huivos desgrenhadas gritão. *pag.* 25.

As carpideiras, mulheres, cujo officio era preceder os cadaveres nos sahimentos, levantando sentidos prantos, arrepelando-se, e fazendo outros varios tregeitos, que naquelle tempo erão de uso, e alamoda. Este costume antiquissimo nos veio dos Romanos, ou mais de longe ainda. Provincias ha inda na Europa, onde subsiste todavia.

Nota B.

De escuro vaso, e longo dó vestidos. . . . *pag.* 25.

Que estofos estes fossem de vaso, e dó, ou lucto, e vaso, que é o mesmo, não é facil dizer hoje aocerto. Conjecturo que *vaso* sería porventura o que agora chamamos fumo, raro, e *vasado* tecido, emblema de tristeza, e lucto, que se traz no chapeo, e espada, e que tambem no chapeo antigamente se trazia, mas tam comprido, e arrastado, que descia dos talares, como ainda agora se observa nos funeraes dos nossos reis, etc. Não sei em que se possa fundar o auctor do Elucidario para dizer que *vaso* era um capello.

Nota C.

Clarão triste de mortos. . . . *pag.* 26.

É phraze mui commum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poetica, e nobre, como o são grande parte dos modos de dizer familiares. Convem muito distinguir o que é *familiar* n'uma lingua, do que só é *vulgar:* aquelle é quasi sempre figurado, e sublime; este rasteiro, e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocão mui deperto com os de-

feitos; e é mister bom criterio, e uso dos mestres para não confundir uns com outras, e estremar os tropos dos solecismos. — Luz de mortos dizemos de uma luz baça, e que tristemente acclara, como a tocha funebre á roda de eça, ou na procissão do enterramento.

Nota D.

Ruim agouro! um sahimento funebre... *pag*. 26.

Funeral, entêrro, sahimento, enterramento são palavras synonimas, i. e. são termos, cuja significação, e uso no discurso, em mais ou menos, se approxima, não que seja identicamente a mesma. Vocabulos ha, que em sua raiz, derivação, (e essencia, para assim dizer) tem acaso o mesmo valor; mas que pelas regras do uso — Distinguamos o uso classico do abuso de tarellos, e ignorantes:—se classificárão em gradações, e modificações distinctas. Fôrça é tambem dizer que os nossos quinhentistas nem sempre são infallivel norma neste ponto, e de seguir-se ás cegas. Ésta deficiencia dos classicos, a notou ja o Sr. bispo titular de Coimbra, S. Luiz, no seu — em mal, tam acanhado — Ensaio de Synonimos. Á philosophia de nossos tempos, que tem acclarado as mais remotas provincias da litteratura, e sciencias, a ella só é possivel o dar fio a este labyrinto, e mondar com regra, e ordem as incultas devezas das linguas, que sem ella se formárão, crescêrão, e com todas as qualidades para a obterem, carecem comtudo de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que fallamos uma linguagem solemne, rica, e sonora, decepá-la, recortá-la, cercear-lhe o viço, e primor de suas folhas, e flores, para a pôr nu, e descarnado escheleto, como a franceza; ja não digo ingerir-lhe tanto vocabulo peregrino, como a ingleza, que fique ella recozida manta de retalhos, bellos de per si, mas de estropeada, e feia symethria, quando vistos junctos. Não penso tal por minha vida; mas direi sempre que sem um bom diccionario de synonimos, e

outro de origens, ou ethymologico, nunca chegaremos a fallar uma lingua perfeita, e de nação civilizada. Quem se occupará disso? A academia que ficou no *azzurrar*, em o primeiro, e ponderoso volume de seu vocabulario?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim synonimicamente. *Sahimento* é a procissão, que conduz o cadaver (o que em Francez se diz *convoy); mas* o *restante*, ou *antecedente* da cerimonia do funeral ja se não póde chamar sahimento. *Entêrro* é mais lato, e comprehende, ainda alem da procissão, as outras partes do funeral? *Enterramento* é a propria, e privativa acção de *dar á terra* o cadaver. *Funeral* é o termo generico, em que todos estes, e ainda mais, como especies se comprehendem. Digo ainda mais, por que, *exequias*, por ex., são funeral tambem, e nada tem com o entêrro, sahimento, etc. Assim aquellas quatro palavras parecidas no sentido, e escriptura, e todas da mesma familia, tem comtudo entre si certas differenças, que, sendo matiz imperceptivel para o illiterato, são notaveis distincções para o que falla, e escreve com exacção a sua lingua.

Nota E.

Os viajantes no templo, quando o choro. *pag.* 29.

Diz-se, por ahi em Portuguez, *viajeiro*, ou *viajor*, ou *viajante*, ou *viandante*, indistinctamente: mas é mister distinguir estes vocabulos, porque ha entre elles distinctas linhas de separação. *Viajor*, que é abonado por Arraes, tam somente se póde dizer da pessoa do que viaja; pois é da indole da nossa lingua que os substantivos, e adjectivos em *or*, formados dos verbos, sejão personalissimos: desta sorte *amador*, só se póde dizer da pessoa, que ama, quando *amante* não é tam restricto. Dizemos um homem amador, assim como um homem amante; mas, podendo dizer coração amante, pensamento, expressão, ideia amante, nunca dizemos, coração amador, ideia amadora, etc. Assim viajor é stricta e unicamente

a pessoa que viaja; *viajante* não só a pessoa, mas tambem, qualidade, circumstâncias do que viaja. Mas viageiro, pelo contrário, é impessoal, e só se refere a cousas, attributos. Trabalhos, incommodos viageiros, nunca viajantes, ou viajores, se dizem. Agora *viandante*, que á lettra quer dizer andador de caminho, tambem é pessoal; mas distingue-se de todos aquelles, em que somente se póde dizer do que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *viajantes*, mas nunca *viandantes*. O viajante corre terras, e máres; o viandante não passa da terra, nem troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas.

Nota F.

Sôbre o cadaver.. ergue o veo.."Natercia!". *pag*. 35.

D. Catherina de Atayde, de quem sempre fallou Camões, nos seus versos, com este anagramma.



AO CANTO TERCEIRO.

Nota A.

Pranchas de escuro til, rudo lavradas... *pag*. 37.

Madeira escura, e de pouco pulimento, que naquelle tempo muito se usava em os nossos edificios. Vem-se ainda restos em casas antigas.

Nota B.

De Perugino, ou Vasco, á infancia da arte. *pag*. 38.

Perugino floreceu na Italia á volta do sec. XV, infancia da pintura; Vasco, ditto o gram Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal.

Nota C.

Do castelhano cenobita o hóspede. . . *pag*. 40.

Nem uma só vez se achará em nossos escriptores a palavra hespanhol designando exclusivamente o habitante da Peninsula, não portuguez. Em quanto Castella esteve separada de Aragão, e ja muito depois de unida a Leão, etc., nós, e as outras nações das Hespanhas, Aragonezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes, e todos, eramos por estranhos, e domesticos commumente chamados *hespanhoes ;* assim como ainda hoje chamamos alemão indistinctamente ao Prussiano, Saxonio, Hanoveriano, Austriaco : assim como o Napolitano, e o Milanez, o Veneziano, e o Piemontez indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independencia política depois da batalha de Alcacerquivir, deu o titulo de reis das Hespanhas aos de Castella e Aragão ; que conservárão ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Hespanhoes somos, de Hespanhoes nos devemos prezar : Castelhanos nunca. E que vis que são esses sonhadores de infames *reuniões !*....

Nota D.

Ao vingativo conde. . . . *pag*. 46.

O 1.° Conde da Castanheira, D. Antonio de Atayde, grande valido delrei D. João III. Veja o que a este propósito diz o Sr. D. J. M. de Souza na sua mágnifica edic. dos Lus. vida de Camões.

Nota E.

Dêsse pae venerando, esse fabricio. . . *pag*. 48.

D. João de Castro. Veja, para intelligencia dos versos antecedentes, e subsequentes, a Jac. Frc. d'Andrada

nhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os ultimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira immortaliza em Pariz o seu nome, e o da sua nação com o quadro mágnifico, que este anno passado de 1824 expoz no Louvre, em o qual pintou a mesma scena. Valha-nos ao menos, descahidos, e esquecidos como estamos, que haja ainda Portuguezes como o Sr. Sequeira, que resuscitem, de quando em quando, o adormecido echo de nossa antiga fama.

Nota B.

E eterna a voz me gelará nos labios... *pag*. 157.

Finalizo com este opusculo a minha curta, ignorada carreira litteraria; para sempre digo adeus ás boas artes, que nem carecem de mim, nem eu dellas. Tendo chegado, ainda que com pouca saude, a idade de mais juizo, deixo as musas, e os versos, e ás litteraturas aos rapazes, para quem ellas são. Eu com os meus vintecinco, — e accrescentados, por fadigas, e desgostos, — toco a retirada, e me reduzo ao silencio, que nunca devêra romper, e que unicamente convem aos que, como eu, prezão o viver socegados, sem ambição, desconhecidos, e portanto felizes.



Rio de Janeiro, 1838, *Imprensa Americana*.

José Romão filho de M

rina


LIBRARY OF CONGRESS
0 024 329 362 5
